

Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição  
religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

Éverly Pegoraro

**Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição  
religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)**

Relatório apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para cumprimento do programa de pós-doutoramento em Ciências da Comunicação, sob a supervisão do Prof. Doutor Jorge Pedro Sousa.

Universidade Fernando Pessoa  
Porto, 2024

## RESUMO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Mesmo assim, a livre expressão de crença ainda é um tema polêmico e uma impossibilidade para muitas pessoas. O assunto é pertinente, pois engloba diversificadas e sérias violações à dignidade e integridade humanas, e é tema recorrente no jornalismo do segmento religioso, embora nem sempre ganhe destaque na chamada imprensa tradicional. A proposta desta pesquisa de pós-doutoramento é analisar o circuito micromídia de produção de informações sobre a perseguição religiosa, no recorte do grupo que professa a fé cristã, pois entidades vinculadas ao tema estimam que haja 365 milhões de cristãos perseguidos em todo o mundo, geralmente em lugares onde são minoria religiosa. O objetivo principal do estudo é refletir sobre os espaços midiáticos de produção informativa a respeito da temática, analisando a dinâmica de trabalho jornalístico e as características das notícias. A reflexão se centra na Fundação AIS (escritório de Portugal da Aid to the Church in Need - segmento católico) e na Portas Abertas (sucursal brasileira da Open Doors International - origem interdenominacional). São utilizados dois procedimentos metodológicos para a articulação proposta. O primeiro é a entrevista em profundidade, por meio de questionário semiestruturado, aos representantes de jornalismo das entidades selecionadas. A segunda etapa é a análise de notícias que abordem a perseguição cristã nos *sites* de cada organização. Com esta pesquisa, objetiva-se compreender a dinâmica de produção noticiosa da Fundação AIS e da Portas Abertas, pois funcionam como agenciadoras da compreensão social acerca do tema, cujos atores de ajuda humanitária se tornam, também, mediadores entre os fatos vividos e as experiências narradas. São personagens, no papel de agentes religiosos, testemunhas ou vítimas, que intencionalmente compartilham sofrimento e cura por meio dos relatos que,

posteriormente, se tornam textos midiáticos. As experiências deles fazem parte da crença que professam e, geralmente, os instigam a narrativizá-las como forma de viver a fé em processo. Por fim, salienta-se que as narrativas construídas nos espaços noticiosos de tais organizações auxiliam a produzir sentido acerca de conceitos como identidade, alteridade, memória religiosa e intolerância, pois tornam-se campo de ressignificações e resistências das vozes dos diversificados grupos sociais, étnicos e cristãos ali representados. Compreender tais sentidos é defender que a liberdade de crença está diretamente relacionada ao respeito à individualidade humana e ao convívio pacífico em comunidade, aspectos que o jornalismo não pode deixar de reverberar.

### **ABSTRACT**

The Universal Declaration of Human Rights states that everyone has the right to freedom of thought, conscience and religion. Even so, the free expression of belief is still a controversial topic and an impossibility for many people. The subject is pertinent, as it encompasses diverse and serious violations of human dignity and integrity, and it's a recurring theme in religious journalism, although it does not always gain prominence in the so-called traditional press. The purpose of this postdoctoral research is to analyze the micromedia circuit of information production about religious persecution, in the context of the group that professes Christian faith, since entities linked to the theme estimate that there are 365 million persecuted Christians around the world, usually in places where they are a religious minority. The main objective of the study is to reflect on the media spaces of informative production about the subject, analyzing the dynamics of journalistic work and the characteristics of the news. The reflection focuses on ACN Foundation (Portugal office of Aid to the Church in Need - Catholic segment) and Open Doors (Brazilian branch of Open Doors International - interdenominational origin). Two methodological procedures are used for the articulation proposed. The first is the in-depth interview, through a semi-structured questionnaire, with the journalism representatives of the selected religious entities. The second step is the analysis of news stories which focus on Christian persecution on each organization's websites. The objective of this research is to understand the dynamics of news production of ACN Foundation and Open Doors, since they function as agents of social understanding on the subject, whose humanitarian aid actors also become mediators between the lived

facts and the narrated experiences. They are characters, in the role of religious agents, witnesses or victims, who intentionally share suffering and healing through the stories that later become media texts. Their experiences are part of the belief they profess and usually instigate them to narrativize them as a way of living the faith in process. Finally, it is emphasized that the narratives constructed in the news spaces of such organizations help to produce meaning about concepts such as identity, otherness, religious memory and intolerance, as they become a field of re-signification and resistance of the voices of the diverse social, ethnic and Christian groups represented there. To understand these meanings is to argue that freedom of belief is directly related to respect for human individuality and peaceful coexistence in community, aspects that journalism cannot fail to reverberate.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta pesquisa a todos aqueles que mantêm suas convicções de fé, mesmo quando perseguidos, injustiçados e ignorados.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Unicentro, pela permissão ao afastamento para pós-doutoramento, e à Universidade Fernando Pessoa, por me receber no estágio pós-doutoral. Também agradeço ao meu supervisor, Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, pela acolhida. Não poderia deixar de mencionar minha família e meus amigos, pelo acompanhamento constante, mesmo que à distância entre Brasil e Portugal. E, sobretudo, sou grata a Deus, pelos dons da vida e da liberdade, mesmo quando os homens teimam em não respeitar tão graciosas dádivas.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I – PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA EM CONTEXTO: OS RELATÓRIOS DA PORTAS ABERTAS E DA FUNDAÇÃO AIS</b> .....	17
<b>CAPÍTULO II – O JORNALISMO EM CONTEXTO DE PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA</b> .....	25
2.1. Do fato à notícia: uma rede de testemunhas, agentes e mediadores.....	30
<b>CAPÍTULO III – AS NOTÍCIAS SOBRE OS PERSEGUIDOS PELA FÉ</b> .....	38
3.1. As notícias da Fundação AIS (Portugal).....	42
3.2. As notícias da Portas Abertas (Brasil).....	49
<b>CONCLUSÃO</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	60
<b>DEMAIS ATIVIDADES ACADÊMICAS NO ÂMBITO DO PROGRAMA</b> .....	65
<b>APÊNDICES</b> .....	66

## INTRODUÇÃO

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, em Paris, na França. O documento foi elaborado como resposta às atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial e intencionava ser uma proposta universal de valores que transcendessem culturas, nações e regiões, promulgando direitos inalienáveis a todos os seres humanos, independentemente da raça, cor, religião, gênero, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou qualquer outra condição.

Ainda que a sistematização tenha ocorrido só ao fim da década de 1950, Silva e Silva (2020) apresentam que os Direitos Humanos têm sua gênese ideológica em meados do século VIII, com o desenvolvimento do moderno sistema de ideias e valores, o individualismo. “Perpassando, posteriormente, por Calvino e Lutero e pela Revolução Inglesa, onde como imperativo existencial surge a premissa da igualdade para a vida política, além da religiosa” (Silva e Silva, 2020, p. 104-105). Mas os passos significativos para a formulação do valor de igualdade entre os indivíduos vem com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, elaborada na França em 1789, e com a criação da Organização das Nações Unidas, em 1945. “Através da criação da Organização das Nações Unidas (ONU), viabilizou-se um fórum ideal que possibilita a adoção dos instrumentos internacionais de Direitos Humanos que consistem, principalmente, de tratados e costumes, bem como declarações, diretrizes e princípios, entre outros” (Silva e Silva, 2020, p. 107).

A principal referência para países e estados gerirem assuntos relacionados a liberdades e direitos humanos é a DUDH. Ela é composta por 30 artigos, dos quais um tem relação direta com a proposta desta pesquisa: a liberdade religiosa. O 18º artigo sugere que “[t]oda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos” (Organização das Nações Unidas, 1948). Também é pertinente salientar o 20º artigo, que garante a toda pessoa o direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas, o que poderia respaldar os ajuntamentos de indivíduos em nome da fé, o que nem sempre é permitido em alguns países. Como salientado por Durham (2015 *apud* Silva e Silva, 2020, p. 108), a liberdade religiosa ou à crença são fundamentais aos direitos humanos, pois estão relacionadas aos “seus profundos vínculos com o cerne da dignidade humana, com o próprio núcleo de nossa percepção normativa, com a consciência, com a sacralidade dos seres humanos, e com tudo que nos atrai ao que há de mais elevado nas relações humanas”.

A proteção ao direito de mudar de religião foi alvo de divisões entre os redatores da DUDH, conforme informações constantes na própria página da ONU (versão em Português<sup>1</sup>), sob o rótulo de apostasia em alguns países. A Arábia Saudita se absteve do voto final sobre toda a Declaração Universal dos Direitos Humanos, por conta desta cláusula.

Passados 76 anos da promulgação da DUDH, a liberdade de expressão religiosa ainda é um tema polêmico e uma impossibilidade para muitas pessoas. Tanto é assim, que o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) lançou, em 2017, uma iniciativa chamada *Faith for Rights*, definida como um espaço interdisciplinar que oferece um conjunto de materiais e ferramentas para qualificar líderes religiosos na promoção de debates entre religiões e direitos humanos. A proposta segue as diretrizes do Plano de Ação de Rabat<sup>2</sup>, de 2012, que enfatiza o

---

<sup>1</sup>Cf. [Artigo 18: Liberdade de religião e crença | As Nações Unidas no Brasil](#). Acesso em 24 jan. 24.

<sup>2</sup>O Plano de Ação de Rabat compila as conclusões e recomendações de várias reuniões feitas com especialistas do ACNUDH, realizadas em Genebra, Viena, Nairóbi, Bangkok e Santiago do Chile. O documento foi adotado em 2012, instituindo um limiar para a definição de restrições à

papel crucial dos líderes religiosos na denúncia contra os discursos de ódio, por compreendê-los como importantes atores no processo de desenvolvimento de sociedades pacíficas e tolerantes. A campanha teve início em Beirute (Líbano), articulando um documento com 18 compromissos sobre "Fé pelos Direitos".

Em 2017, a Declaração de Beirute sobre 'Fé pelos Direitos' acrescentou que a expressão individual e comunitária de religiões ou crenças floresce em ambientes onde os direitos humanos, com base no valor igual de todos os indivíduos, são protegidos. Da mesma forma, os direitos humanos podem se beneficiar profundamente dos fundamentos éticos e espirituais enraizados fornecidos pelas religiões e crenças. A Declaração de Beirute e seus 18 compromissos alcançam crentes teístas, não teístas, ateus ou outros em todas as regiões do mundo para reforçar sociedades coesas, pacíficas e respeitadoras com base numa plataforma comum orientada para a ação (OHCHR,2019).<sup>3</sup>

Entre os 18 compromissos que, segundo a proposta, devem desdobrar-se em ações para concretizá-los, estão: defender os direitos de todas as pessoas pertencentes a minorias, denunciar publicamente todas as instâncias de defesa do ódio que incitem à violência, discriminação ou hostilidade e monitorar interpretações, determinações ou outras visões religiosas que manifestamente entrem em conflito com normas e padrões universais de direitos humanos<sup>4</sup>.

Há muito trabalho a fazer, se considerarmos que os números sobre perseguição e intolerância religiosas em diferentes partes do mundo são assustadores. Embora a própria ONU não tenha estatísticas oficiais, ela indica análises elaboradas pelo Pew Research Center, em sua última versão de 2014, para contextualizar a necessidade de iniciativas como a do *Faith for Rights* (2020). De acordo com informações desse centro

---

liberdade de expressão, incitação ao ódio e para a aplicação do artigo 20 do Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos (PIDCP). A identificação de tal limiar baseia-se na aplicação de um teste, composto por seis tópicos: contexto, orador, intenção, conteúdo ou forma, extensão do discurso e probabilidade de ocorrência de danos.

<sup>3</sup>No original: "As stressed in the Rabat Plan of Action of 2012, religious leaders have a crucial role to play in speaking out firmly and promptly against hate speech. In 2017, the Beirut Declaration on "Faith for Rights" added that individual and communal expression of religions or beliefs flourish in environments where human rights, based on the equal worth of all individuals, are protected. Similarly, human rights can benefit from deeply rooted ethical and spiritual foundations provided by religions and beliefs. The Beirut Declaration and its 18 commitments reach out to theistic, non-theistic, atheistic or other believers in all regions of the world to enhance cohesive, peaceful and respectful societies on the basis of a common action-oriented platform". Disponível em [faith4rights-toolkit.pdf \(ohchr.org\)](https://www.ohchr.org/documents/e/hqdocs/huridocda/huridocda_19/huridocda_19_01_01_2017_0001.pdf). Acesso em 15 fev. 24.

<sup>4</sup>Cf. [OHCHR and the "Faith for Rights" framework | OHCHR](https://www.ohchr.org/documents/e/hqdocs/huridocda/huridocda_19/huridocda_19_01_01_2017_0001.pdf). Acesso em 29 jan. 24.

de pesquisas, um quarto dos países e territórios do mundo, naquele período, tinha leis ou políticas contra a blasfêmia, entendida como insulto à divindade, à religião ou ao que é considerado sagrado. “Aproximadamente 13% possuíam leis ou políticas penalizando apostasia, em alguns casos tornando o ato punível de morte. Alguns dos países mais restritivos do mundo também estão entre os mais populosos. Por conta disso, quase três quartos da população mundial vivem sob restrições severas”<sup>5</sup>. O texto da página brasileira da ONU utiliza como exemplo desse argumento o caso da mulher cristã Asia Bibi, que foi acusada por blasfêmia no Paquistão e sentenciada à morte. Asia passou nove anos no corredor da morte, em confinamento solitário. Em 2018, após intensa mobilização social, a Suprema Corte daquele país a absolveu, por determinar que ela havia sido falsamente acusada por mulheres muçulmanas que não queriam que a vítima bebesse água do mesmo copo que elas. No Paquistão, muitos muçulmanos conservadores não gostam de comer ou beber junto de pessoas de outras religiões. Para eles, quem não acredita em Alá é impuro<sup>6</sup>. Este é um exemplo de como a lei da blasfêmia pode ser erroneamente usada como vingança pessoal e aplicação de violência extrema e cruel.

Há entidades religiosas e interdenominacionais que desenvolvem seus próprios estudos sobre intolerância e perseguição religiosas e chegam a constatações semelhantes. Em janeiro de 2024, a organização interdenominacional Portas Abertas<sup>7</sup> lançou a versão atualizada do seu documento mais importante: a Lista Mundial da Perseguição<sup>8</sup>. O estudo delimita-se aos povos cristãos e indica que mais de 365 milhões deles enfrentam altos níveis de perseguição e discriminação por causa da fé. Isso significaria dizer que 1 em cada 7 cristãos é perseguido no mundo. São indivíduos que sofrem discriminação, violência e opressão pela opção religiosa, em situações cotidianas (como menosprezo escolar) até extremas (como expulsão do seio familiar, prisão e morte). O ranking dos países que enfrentam os piores contextos inclui, nas cinco primeiras posições, Coreia do Norte, Somália, Líbia, Eritreia e Iêmen. O

---

<sup>5</sup>Cf. [Artigo 18: Liberdade de religião e crença | As Nações Unidas no Brasil](#). Acesso em 24 jan. 24.

<sup>6</sup>Cf. [A incrível jornada de Asia Bibi, de nove anos em solitária por blasfêmia à vida nova no Canadá - BBC News Brasil](#). Acesso em 24 jan. 24.

<sup>7</sup> [Portas Abertas – Tudo sobre cristãos perseguidos e a Igreja Perseguida](#).

<sup>8</sup>[Lista Mundial da Perseguição 2024 - Portas Abertas](#). O período de pesquisa da última versão do relatório foi de 1 de outubro de 2022 a 30 de setembro de 2023.

documento também traz informações sobre diversificados tipos de agressões relacionadas ou decorrentes da perseguição religiosa, tais como violência sexual ou casamento forçado com não cristãos, violência física ou psicológica (incluindo ameaça de morte) e cristãos presos por causa da fé (condenados ou sem julgamento).

Outra entidade mundialmente reconhecida no assunto é a AIS (Fundação Pontifícia à Igreja que Sofre)<sup>9</sup>, entidade vinculada à Igreja Católica. Assim como a Portas Abertas, lançou em janeiro de 2024 a versão atualizada do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo<sup>10</sup>, documento que redige desde 1999. A análise em 196 países do mundo indica que, em 61 deles, há violação da liberdade religiosa. Também conclui que 62,5% da população mundial vive em locais com violações graves ou muito graves à livre crença. Desde 2021, em 34 países, locais de culto ou propriedades religiosas foram atacadas ou danificadas. Um dado alarmante é que, em 40 países, pessoas foram mortas ou raptadas por causa da fé. Em 47 países, a situação sobre liberdade de fé piorou, enquanto que em apenas nove Estados percebeu-se uma melhora na temática, em comparação ao levantamento anterior.

Estes dados iniciais – que posteriormente serão aprofundados com a respectiva categorização elaborada pelas entidades – indicam que a liberdade de fé e culto promulgada pela DUDH está longe de ser concretizada. O assunto é pertinente, pois engloba diversificadas e sérias violações à dignidade e integridade humanas, mas parece não ganhar o destaque que mereceria nos noticiários. Embora os números sejam expressivos, notícias cotidianas, reportagens especiais e demais produções midiáticas acerca do tema perseguição e refugiados religiosos são esparsas. Ainda que o tema não seja atual, a pauta não é recorrente no chamado jornalismo da grande mídia, salvo quando se configura como uma crise de grandes proporções.

É interessante observar que, como Cunha (2020) explica, as grandes religiões mundiais, como as confissões cristãs majoritárias, ganham frequentemente a classificação de “religião dominante” ou “grupo dominante”. Contudo, a pesquisadora argumenta que é necessário compreender o conceito de dominância sobre duas

---

<sup>9</sup> [Fundação AIS - Secretariado Português da Organização Internacional Aid to the Church in Need \(ACN\) \(fundacao-ais.pt\)](https://fundacao-ais.pt/).

<sup>10</sup> [Observatório - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](https://observatorio-fundacao-ais.pt/). A versão atualizada do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo compreende o período de janeiro de 2021 a dezembro de 2022.

perspectivas, além da numérica: a noção de hegemonia e a dimensão cultural. “Mesmo que exista concorrência no campo religioso e haja perdas na posição historicamente assumida, a hegemonia de uma religião se sustenta pelo papel que ela desempenha no processo de construção da realidade, na ‘ordem natural das coisas’. E neste processo hegemônico, deve-se considerar a perspectiva cultural resultante da construção do imaginário religioso coletivo” (Cunha, 2020, p.5). Dessa forma, mesmo com a predominância do cristianismo na cobertura noticiosa, em relação aos demais segmentos religiosos, Cunha (2020) destaca que tal predomínio direciona-se, sobretudo, à religião institucionalizada e, especificamente na análise da pesquisadora, as autoridades religiosas católicas são as personagens com mais visibilidade. Com isso, argumenta-se que, mesmo com a alcunha de uma religião dominante (se não pela perspectiva numérica em muitas partes do mundo, mas pela perspectiva adotada pela autora mencionada), assuntos relacionados às experiências diretas dos indivíduos que optam por esse segmento de fé podem não ganhar destaque noticioso, pelo menos no que comumente se denomina grande mídia.

Ao considerar os tradicionais ideais de uma imprensa comprometida com a cidadania e o exercício ao direito de informação (Kovach e Rosenstiel, 2004), os silêncios e as omissões do jornalismo ao assunto não contribuem para uma sociedade livre e comprometida com os valores universais pregados pela DUDH. As experiências de violações aos direitos desses indivíduos acabam por ficar restritas ao espaço privado e, sem a dimensão midiática que tais acontecimentos mereceriam, o assunto pode não ganhar a discussão devida ou podem ser considerados casos isolados, de menor relevância. Resta às entidades, então, criarem seus próprios espaços de disseminação informativa e voz aos povos perseguidos, enfoque desta pesquisa.

A proposta é estudar o circuito micromídia de produção de informações sobre a perseguição religiosa, no recorte do grupo que professa a fé cristã, por representarem o maior segmento, em termos de opção religiosa, e apresentarem números significativos, no que tange à problemática. Como mencionado acima, esta temática é recorrente em entidades religiosas – geralmente católicas e evangélicas – que produzem informações em seus canais de mídia, como as já mencionadas Portas Abertas e Fundação AIS, e

outras, como o Serviço Pastoral dos Migrantes<sup>11</sup> (SPM) (vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) e o *Jornal O São Paulo*<sup>12</sup> (semanário oficial da Arquidiocese de São Paulo). Tais entidades divulgam as experiências da perseguição cristã e, muitas vezes, compilam dados em relatórios que são posteriormente divulgados à imprensa geral.

A pergunta que norteia esta pesquisa é: como se caracteriza a produção de notícias sobre o contexto contemporâneo de perseguição a cristãos? Desta pergunta, o objetivo principal estabelecido é refletir sobre os espaços midiáticos de produção informativa a respeito da perseguição a pessoas que professam a fé cristã, analisando a dinâmica do trabalho jornalístico e as características do material noticioso. A pesquisa se centra nos trabalhos de duas organizações religiosas já mencionadas, a Portas Abertas (sucursal brasileira) e a AIS (escritório de Portugal).

Para a construção do olhar que permeia esta pesquisa, partimos de dois pressupostos. O primeiro é que os espaços de mídia, embora vinculados a canais de comunicação de entidades específicas, configuram-se como produtores de informação jornalística que supre a lacuna informacional (intencional ou não) da grande mídia, no que se refere à perseguição cristã. O segundo é que tais espaços midiáticos integram-se às redes comunicativas redimensionadas pela internet, com dinâmica de produção e distribuição de conteúdo baseada na interação direta com os próprios “atores religiosos transnacionais” (Carletti, 2015 *apud* Cunha e Storto, 2020) e demais envolvidos, que se tornam coparticipantes do processo informativo e, dessa forma, propagam os acontecimentos e as experiências que são estruturadas como informação midiática nos canais das entidades que os amparam. Trata-se de uma potência comunicativa subterrânea, como acredita Maffesoli (2009, p. 96): “[a] comunicação, seja qual for o nome que se dê a ela, é uma estrutura, ou seja, uma entidade composta de elementos interdependentes que vai além da consciência dos atores envolvidos. A comunicação, tal como é examinada aqui, não é somente verbal, embora a palavra ocupe nela um lugar destacado, mas um sistema total, uma mescla de palavras, objetos e gestos que reclama uma poética globalizante.

---

<sup>11</sup> <https://spm nacional.org.br/>. Acesso em 24 fev. 23.

<sup>12</sup> <https://osaopaulo.org.br/>. Acesso em 24 fev. 23.

Para dar conta da proposta do estudo, foi traçado um percurso metodológico que inclui a pesquisa bibliográfica sobre a temática da perseguição religiosa e o papel do jornalismo como dispositivo de visibilidade e agenciamento. Também apresenta-se o teor dos dois relatórios elaborados pelas entidades, em suas versões mais recentes. A explicação sobre a dinâmica de produção noticiosa foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas com os dois jornalistas representantes da Portas Abertas (Brasil) e da Fundação AIS (Portugal), respectivamente Regina Andrade e Paulo Aido. Esta parte atende ao objetivo de delinear o trabalho realizado pelas organizações mencionadas, procurando entender a dinâmica dos atores envolvidos na produção jornalística.

Por fim, efetuou-se uma análise de conteúdo das notícias veiculadas pela Fundação AIS e pela Portas Abertas, no período de janeiro de 2024, com o intuito de identificar as características do material noticioso produzido por tais entidades, no que se refere a: gênero de notícias (informativo, dissertativo, opinativo), enfoque dos textos, quais são as fontes e os personagens, e demais particularidades apresentadas. A análise da narrativa jornalística ajuda a compreender como se integram os sentidos fragmentados das notícias do dia a dia. “De que maneira elas se transformam, por meio de colaborações ou de enfrentamentos entre os atores sociais envolvidos, em representações unitárias mais ou menos tangíveis (estórias, contos, fábulas, ideologias em ação” (Motta, 2013, p. 106).

No primeiro capítulo, são apresentados os relatórios da Fundação AIS e da Portas Abertas, com as respectivas categorizações dos dados. Na segunda parte, problematiza-se o jornalismo e a abordagem da perseguição religiosa, assim como a contextualização da dinâmica de produção noticiosa das duas entidades. No último tópico, há a análise de conteúdo das notícias, apontando particularidades do jornalismo do segmento religioso. Procurar entender a temática e a respectiva produção noticiosa de entidades que lutam contra a perseguição religiosa é uma forma de, como argumenta Cunha (2020), indicar caminhos para a potencialização de práticas comunicacionais efetivamente comprometidas com os direitos humanos e cidadãos.

## **CAPÍTULO I – PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA EM CONTEXTO: OS RELATÓRIOS DA PORTAS ABERTAS E DA FUNDAÇÃO AIS**

A perseguição religiosa é um tema costumeiro em discussões acadêmicas e interdenominacionais. A experiência de ser perseguido e sofrer violências decorrentes acompanha a história das religiões ao longo dos séculos, como resultado da incompreensão e da intolerância. As formas de intolerância são inúmeras e variam em intensidade, desde atitudes preconceituosas e ofensas à liberdade de crença, até perseguição e violência física contra minorias religiosas (Kunsch e Fischmann, 2002 *apud* Cunha, 2020).

Classificar uma ação ou expressão como intolerância religiosa tem respaldo na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a qual garante ao ser humano o direito à liberdade de expressão, consciência e religião, bem como às liberdades de expressão e opinião (artigos 18 e 19, respectivamente). “A liberdade de expressão está diretamente relacionada à tolerância e à capacidade humana, individual e coletiva, de conhecer as diferentes formas de opinião e de manifestação do pensamento (Cunha, 2020, p.5)”.

Ressalta-se que, principalmente o artigo 18, protege teístas, ateus e indivíduos que não professam uma religião ou credo. “Nesse sentido, pessoas devem ser respeitadas em ambientes públicos e privados e tratadas de maneira igual perante a lei, independentemente de terem ou não uma confissão religiosa” (Cunha, 2020, p. 5).

Mas este contexto não é usufruído por muitos cristãos, de acordo com os relatórios que são feitos periodicamente por entidades religiosas e interdenominacionais em diferentes partes do mundo. Esses documentos são fontes de informação e a

tentativa de dar voz a milhares de vítimas, na maioria das vezes silenciosas ou silenciadas, sobre as mais diversas situações vividas por conta da fé.

Esta pesquisa centra-se em duas entidades e seus respectivos espaços de produção noticiosa: a Portas Abertas e a Fundação AIS. A primeira é uma organização cristã internacional, que atua em mais de 60 países, apoiando cristãos em perseguição, refugiados e vítimas de catástrofes, por meio de ações emergenciais ou projetos de longo prazo. A Lista Mundial de Perseguição (LMP) é um relatório anual publicado pela entidade desde 1993, que inclui um ranking dos 50 países onde os cristãos são mais perseguidos. Segundo informações constantes no próprio relatório, o documento é divulgado no início de cada ano com dados de especialistas em perseguição da Portas Abertas e de fontes externas.

A LMP é compilada por analistas da Portas Abertas usando dados do mundo real de especialistas locais em 150 países. A perseguição em cada país é registrada por meio de um sistema de pontos que monitora a violência e a pressão. Isso mede o número e a gravidade dos incidentes violentos contra os cristãos e o grau de pressão exercida contra a prática da fé cristã em cinco esferas da vida. Cada esfera pode alcançar 16,7 pontos. A soma dos resultados das esferas define a pontuação do país (Portas Abertas, 2024, n.p.).

A metodologia de mapeamento e cálculo é auditada pelo Instituto Internacional pela Liberdade Religiosa (International Institute for Religious Freedom – IIRF)<sup>13</sup>. Como indicado, a pontuação é calculada com base no nível de pressão enfrentada pelos cristãos que, por sua vez, baseia-se em cinco esferas: vida privada, família, comunidade, nação, igreja e violência (contra pessoas e igrejas). “Dentro de uma escala de 0 a 100, a pontuação do país determinará o nível de perseguição e a posição na Lista Mundial da Perseguição. Os 50 países com a pontuação mais alta entram no ranking” (Portas Abertas, 2024, n.p.). O nível de perseguição, conforme o cálculo obtido, varia entre extrema (81-100 pontos), severa (61-80 pontos) e alta (41-60 pontos).

Desde que o ranqueamento foi criado, há 23 países que estiveram em todas as edições da LMP: Afeganistão, Arábia Saudita, Argélia, Brunei, Butão, China, Coreia do Norte, Egito, Iêmen, Índia, Irã, Laos, Líbia, Maldivas, Mianmar, Nigéria, Omã,

---

<sup>13</sup>De acordo com informação do site da Portas Abertas, disponível em [O que é a Lista Mundial da Perseguição? - Portas Abertas](#). Acesso em 31 jan. 24.

Paquistão, Somália, Sudão, Tunísia, Uzbequistão e Vietnã. A Coreia do Norte foi a que esteve mais vezes nesse ranking, um total de 29 vezes<sup>14</sup>.

O documento explica que é cada vez mais comum países com até 60 pontos ficarem de fora do ranking da LMP, pelo limite estabelecido de 50 países. Contudo, os locais que atingem esse patamar também merecem atenção e, por isso, entram para um segundo ranqueamento, a Lista de Países em Observação (LPO), que elenca aqueles com mais de 41 pontos. Em 2024, 28 países estão nesta situação. Nas primeiras posições, Quênia, Tanzânia, Nepal, Kuwait e Djibuti.

A Lista Mundial da Perseguição traz um quadro internacional acerca da perseguição cristã, indicando que são 365 milhões de pessoas nessa situação em todo o mundo. Durante o período delimitado da pesquisa<sup>15</sup>, o relatório registrou 4.998 mortes de cristãos por questões relacionadas à fé. O número sofreu um decréscimo dos mapeamentos anteriores, que haviam registrado, respectivamente, 5.621 e 5.898<sup>16</sup> mortes. Dentre os 4.998 casos de cristãos mortos no período da pesquisa da LMP 2024, 4.118 ocorreram na Nigéria, país que ocupa o 6º lugar nos países com índice de perseguição extrema<sup>17</sup>.

Mas há outras situações monitoradas e igualmente preocupantes, compiladas na LMP 2024. Em relação ao mapeamento anterior, aumentou o número de casos de violência sexual ou casamento forçado com não cristão, totalizando 3.231. Os dados também indicam um crescimento significativo nos registros de violência física e psicológica, incluindo ameaça de morte: são 42.849, enquanto que no relatório anterior foram 29.411.

Uma das estatísticas que mais chama a atenção refere-se aos ataques a igrejas e outras propriedades públicas cristãs. No relatório de 2021 eram 5.110 casos, em 2022 houve um decréscimo para 2.110 registros e, em 2023, foram 14.766 incidentes. Embora não tenha entrado na estatística da LMP 2024, os ataques de dezembro de 2023 no Estado central nigeriano de Plateau exemplificam a gravidade deste tópico do relatório

---

<sup>14</sup>Cf. [O que é a Lista Mundial da Perseguição? - Portas Abertas](#). Acesso em 31 jan. 24.

<sup>15</sup>Como indicado na introdução, o período de pesquisa da Lista Mundial da Perseguição 2024 foi de 1 de outubro de 2022 a 30 de setembro de 2023.

<sup>16</sup>Respectivamente, informações coletadas nos períodos de outubro de 2021 a setembro de 2022 e outubro de 2020 a setembro de 2021.

<sup>17</sup>Cf. [Lista Mundial da Perseguição 2024 - Portas Abertas](#). Acesso em 30 jan. 24.

e, ao mesmo tempo, como a mídia tradicional, muitas vezes, desqualifica ou não dá a devida importância à perseguição religiosa como razão da violência. Num surto de violência extrema (semelhante ao ocorrido em maio do mesmo ano), pecuaristas e agricultores foram mortos em ataques orquestrados a diversas comunidades da região. Segundo informações da *Reuters*, foram mais de 100 mortos e 300 feridos. No texto, publicado em Português pela *UOL*, apenas indica-se que “a violência na região está associada a um conflito étnico-religioso entre pecuaristas muçulmanos e agricultores principalmente cristãos”<sup>18</sup>, mas também relaciona a situação às mudanças climáticas e à expansão da agricultura. É o site da *Vatican News* que traz algumas informações e fontes complementares, o que confere mais credibilidade e relevância ao acontecimento:

O presidente da Coalizão de Nacionalidades Étnicas da Juventude de Plateau, Paul Dakete, enfatizou que os assassinatos transformaram o que deveria ter sido uma celebração festiva, o Natal, em um período de luto, e pediu às autoridades que pusessem fim a esses ataques porque ‘a loucura precisa acabar’. ‘As hostilidades que começaram no sábado continuaram na manhã de segunda-feira’, contou mais tarde Monday Kassah, presidente do conselho do governo de Boko, e ‘mais de 300 pessoas ficaram feridas e foram transferidas para os hospitais em Boko, Jos e Barkin Ladi’. [...] Outras notícias vêm do escritório nigeriano da Anistia Internacional, que disse à Associated Press que até agora confirmou 140 mortes nas áreas de Boko e Barkin-Ladi, de maioria cristã, com base em dados compilados por seus funcionários no local e autoridades locais. Teme-se que o número de mortos possa piorar, já que algumas pessoas estão desaparecidas. Os ataques não foram reivindicados até o momento (De Angelis, 2023, *online*)<sup>19</sup>.

Em contrapartida ao aumento da violência apontado acima, a LMP 2024 demonstra um leve decréscimo no número de cristãos presos condenados ou detidos sem julgamento: no relatório atual, são 4.125 pessoas nesta situação, contra 4.542 da pesquisa de 2022. Conforme indica o documento, a Índia lidera o número de casos de cristãos presos ou detidos. Do total registrado, 2.332 ocorreram no país. Os cristãos sequestrados ou desaparecidos também diminuíram, são 3.906, o que representa 1.353 a menos do que o registro do período anterior.

---

<sup>18</sup>Cf. [Pelo menos 113 pessoas morrem em ataques na região central da Nigéria \(uol.com.br\)](#) e [Checagem de fatos: Imagens de ataque a igreja na Nigéria são de 2022 | Reuters](#). Acesso em 31 jan. 24.

<sup>19</sup>Cf. [Ataques armados em 20 localidades da Nigéria, 160 pessoas mortas - Vatican News](#). Acesso em 31 jan. 24.

Muitos dos indivíduos perseguidos migram de seus locais de origem (voluntária ou involuntariamente), engrossando os percentuais da crise de refugiados que marca o contexto contemporâneo. Dados da Acnur (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2022) sinalizam que, em 2021, quase 90 milhões de pessoas estavam em mobilidade global, vítimas de guerras, violência, perseguições e violações dos direitos humanos. Um número expressivo que sobe a cada ano.

Os números da LMP 2024 indicam mais que o dobro de cristãos forçados a fugir de casa ou do país, em relação a 2022. Agora, são 295.120 pessoas nesta situação, ao passo que na pesquisa anterior eram 139.307.

A segunda entidade que é foco desta pesquisa é a Fundação AIS. O documento compilado a cada dois anos pela entidade vinculada à Igreja Católica denomina-se Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo (2023), o qual aponta que, em 61 países, foram cometidos atos que ferem o artigo 18 da DUDH<sup>20</sup>. Os agressores são categorizados em grupos: quatro países com nacionalismo étnico-religioso, 21 países com extremismo islâmico e 49 países com governos autoritários. Alguns deles fazem parte de mais de um grupo.

A classificação estabelecida pelo documento configura-se em três categorias. A vermelha indica a existência de perseguição, apontando que mais da metade da população mundial está situada nesta condição. Dos 28 países indicados, 13 deles situam-se na África, mas são a China e a Índia, os dois mais populosos, que se encontram entre os piores violadores da liberdade religiosa. Além disso, o documento enfatiza que os governos que aderem e defendem uma religião majoritária não só manipulam a religiosidade de seus cidadãos, mas também inflacionam o percentual de fiéis para consolidar o seu poder.

Os autocratas, em diferentes níveis de Governo, combinam repressão severa com perseguição branda. Entre os exemplos contam-se o controle do acesso ao emprego, à educação e aos serviços de saúde, a instalação de sistemas de vigilância em massa, a imposição de obstáculos financeiros e eleitorais, e a incapacidade de impor a lei e a

---

<sup>20</sup> Para um detalhamento minucioso sobre a metodologia de elaboração do relatório, conferir a seção Methodology and definitions, disponível em [Executive Summary 2023 \(acninternational.org\)](https://www.acninternational.org). Acesso em 5 fev. 24.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

ordem quando as comunidades religiosas são atacadas por turbas locais ou por terroristas (Szymanski, 2023, p. 10).

A categoria laranja denota o contexto de discriminação, incluindo 33 países, onde vivem quase 853 milhões de pessoas. Em comparação à edição anterior do relatório, a situação piorou em 13 países. Os três recém-chegados são Haiti, Israel e Emirados Árabes. As condições também são indicadas como alarmantes no Sudão e na Nicarágua. Esta viveu um acirramento da crise religiosa em 2023. As violações aos Direitos Humanos foram denunciadas inclusive por relatório elaborado por especialistas da ONU<sup>21</sup>, em 2023:

Em agosto de 2022, policiais detiveram o bispo Rolando Álvarez, um crítico declarado do governo, e o acusaram de ‘comprometer a integridade nacional’ e ‘propagar notícias falsas’. Em fevereiro, Álvarez recusou-se a ser expulso do país, e um juiz o condenou a 26 anos de prisão. Em junho, o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) divulgou que Álvarez estava detido sem comunicação. Em maio, a polícia anunciou que as autoridades estavam investigando a Igreja Católica por suposta lavagem de dinheiro e que haviam congelado contas bancárias de várias dioceses. Em agosto, as autoridades cancelaram o registro legal da Universidade Centro-Americana (UCA), instituição administrada por jesuítas, confiscando seus bens e deixando milhares de estudantes no limbo. O fechamento eleva para 28 o número de universidades fechadas desde dezembro de 2021. Em outubro, o governo libertou e enviou à Roma 12 padres católicos, acatando o que descreveu como um ‘acordo com o Vaticano’. As autoridades também proibiram as procissões de Páscoa de 2023 e dissolveram a ordem jesuíta no país, em agosto, confiscando suas propriedades. Ademais, continuaram a expulsar padres e freiras estrangeiros (Human Rights Watch, 2023, *online*).

As medidas restritivas do governo nicaraguense exemplificam a gravidade do contexto denunciado pelo relatório da Fundação AIS. “A classificação na categoria Laranja é também indicativa de que os governantes autoritários não só aplicam leis para restringir a liberdade religiosa, como também não proporcionam **qualquer proteção ou justiça às vítimas de ataques físicos**” (Szymanski, 2023, p. 11, grifo no original).

A terceira categoria é “em observação”, que inclui lugares onde foram sinalizados fatores de preocupação emergentes, com potencial de causar rupturas

---

<sup>21</sup>Cf. [Relatório Mundial 2024: Nicarágua | Human Rights Watch \(hrw.org\)](#) e [Na Nicarágua proibidas as "Posadas", e os presépios vivos - Vatican News](#). Acesso em 2 fev. 24.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

fundamentais na liberdade religiosa. O documento enfatiza que se tratam de contextos onde pode haver um progressivo desaparecimento de direitos, tais como a liberdade de mudar de religião ou crença, individual ou comunitariamente, em público ou em privado, através do ensino, da prática do culto e da observância.

Esta é uma categoria em que os relatórios dos países indicam não só uma evolução gradual para as piores violações, mas também revelam incidentes que se enquadram nas várias classificações de intolerância, discriminação e, por vezes, até perseguição. Os exemplos incluem ataques isolados, até mesmo assassinatos, com clara tendência religiosa, e a destruição ou vandalização de locais de culto (Szymanski, 2023, p. 10).

Conforme detalhado no relatório, Haiti e Israel, que estavam “sob observação” em 2021, passaram à categoria laranja na versão atualizada. Já oito países foram acrescentados à observação: Argentina, Guiné-Bissau, Benim, Burundi, Essuatíni (Suazilândia), Gana, Indonésia e Madagáscar.

O documento elaborado pela Fundação AIS exemplifica uma diversidade de situações que fazem parte do contexto apontado pelas três categorias, desde ataques terroristas, destruição de patrimônio religioso, vigilância em massa, proliferação de leis anti-conversão (ou iniciativas de reconversão que oferecem benefícios econômicos aos que aderem à religião majoritária ou a ela regressam), violência sexual e conversão religiosa forçada, agressões a comunidades, a líderes ou colaboradores das entidades religiosas.

A investigação para este Relatório de 2023 revela que existem 61 países onde a discriminação e a perseguição são claramente evidentes, onde o direito fundamental à liberdade de pensamento, de consciência e de religião está a ser pressionado ou restringido através de novas leis. Como consequência, os cidadãos são perseguidos pelo seu próprio Governo ou são assassinados, muitas vezes com pouca ou nenhuma reação da comunidade internacional (Szymanski, 2023, p. 10).

À diferença do documento do Portas Abertas, cujo enfoque é quantitativo, o relatório da Fundação AIS traz análises por regiões, conforme as três categorias acima mencionadas, bem como leituras pormenorizadas sobre outras temáticas que se relacionam, direta ou indiretamente, ao assunto, tais como crime organizado, regimes de

governo, manuais escolares, linguagem forçada, leis de controle e demografia religiosa e êxodo cristão<sup>22</sup>.

No próximo capítulo, discutiremos o jornalismo e sua relação com os acontecimentos que se configuram como perseguição religiosa. Também apresentamos a dinâmica de produção jornalística da Fundação AIS e da Portas Abertas, a partir das entrevistas com os respectivos representantes.

---

<sup>22</sup>O relatório na íntegra pode ser consultado em [Sumario Executivo RLRM 2023 PT FINAL with MAP 323f21a17c.pdf \(acninternational.org\)](#). Acesso em 2 fev. 24.

## **CAPÍTULO II – O JORNALISMO EM CONTEXTO DE PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA**

A libertação de seis freiras sequestradas na cidade de Port-au-Prince, capital do Haiti, cinco dias após o cativo, a morte de um fiel em um ataque armado a igreja em Istambul, na Turquia, um evangelista agredido e preso em Rangpur, no Norte de Bangladesh, prisões feitas na madrugada, sem chance de comunicação do detido com a família, como é o caso de um cristão iraniano. Essas são situações reais divulgadas pelos espaços informativos da Fundação AIS e da Portas Abertas. Notícias como essas, configuradas como tragédias pessoais ou grupais, podem tornar-se a razão, também, de muitas narrativas tais quais as midiáticas, se transformarem na memória do sofrimento compartilhado (Candau, 2012), intencionalmente dividido com o restante da sociedade. Sendo assim, podemos entender que as produções auxiliam a construir memória e identidade (Candau, 2012) de uma parcela do grupo cristão – aqueles que diretamente sofrem violências e perseguições e que não raro fazem parte dos movimentos de migração (voluntária ou forçada).

Numa era de limpezas étnicas e crises de refugiados, migrações em massa e mobilidade global para um número cada vez maior de pessoas, experiências de deslocamento, relocação, migração e diásporas parecem não mais a exceção e sim a regra. [...] Na medida em que as barreiras espaciais se enfraquecem e o próprio espaço é globalizado por um tempo cada vez mais comprimido, um novo tipo de incômodo está se enraizando no coração das metrópoles (Huysen, 2000, p. 31-32).

Agier (2012) argumenta que dispositivos humanitários são responsáveis pela redistribuição (e reorganização) de grupos cada vez maiores e dispersos de pessoas por todo o mundo. Instituições religiosas, ong's e entidades governamentais são as mediadoras entre aqueles que são refugiados, deslocados, migrantes, apátridas e a sociedade civil. Por conseguinte, chegam onde a mídia e os indivíduos não estão, tornando-se eles próprios os responsáveis por fontes de informação, pois experienciam e conversam diretamente com as vítimas, transmitindo fatos para as entidades que representam, as quais, por sua vez, constroem as narrativas midiáticas disseminadas pela internet.

É o caso das duas entidades analisadas nesta pesquisa, cuja produção jornalística baseia-se nas mediações feitas pelos agentes de campo e nos relatos dos depoentes atendidos. São narrativas textuais e audiovisuais produzidas diariamente e disseminadas em seus canais de comunicação<sup>23</sup>. “Essa história recente constitui o que chamei de narrativa humanitária como uma das grandes narrativas da globalização, no sentido de que sua atuação é uma das que elaboram e formam o mundo enquanto ‘mundo’, único, partilhado ou até homogêneo” (Agier, 2012, p. 15).

Se conceituarmos as mídias como dispositivos, conceito proposto por Deleuze (1996), entendemos que elas se integram como um composto multilinear que “fazem ver” e “fazem falar”, em processos dinâmicos, fluidos e em constantes rearranjos. Os canais de comunicação aqui propostos como objeto de pesquisa configuram-se como espaços de produção de narrativas com divulgação informativa do que ocorre nos campos cobertos pela assistência humanitária e social. A dinâmica de produção pode ser compreendida como um circuito micromídia (Thornton, 1996), um conjunto de meios de circulação voltada para públicos segmentados, muitas vezes incorporando até mesmo características de mídia alternativa. Podem suprir a lacuna e o silenciamento do jornalismo “tradicional”, ao criar “linhas de visibilidade” e “linhas de enunciação” (Deleuze, 1996) para grupos de indivíduos que têm as suas narrativas de si conduzidas nestes espaços midiáticos. Dessa forma, como salientam Cunha e Storto (2020), os

---

<sup>23</sup> Além de diversificada produção impressa e audiovisual, as informações são divulgadas em redes sociais da entidade, tais como Instagram, Facebook, Twitter e Youtube. Os links das produções estão disponíveis nos sites: [Portas Abertas – Tudo sobre cristãos perseguidos e a Igreja Perseguida](#) e [Fundação AIS - Secretariado Português da Organização Internacional Aid to the Church in Need \(ACN\) \(fundacao-ais.pt\)](#).

vínculos entre comunicação e religião instigam reflexões diversas, em virtude da multiplicidade de linguagens que permeia a experiência religiosa.

Os modelos e as narrativas tradicionais do jornalismo disputam espaço com estratégias alternativas, sobretudo nas redes digitais (Maia e Passos, 2020). Nesses espaços cada vez mais fragmentados, para atender às exigências dos grupos os quais interagem, o tom, as características e a própria dinâmica do jornalismo vão configurando-se conforme o seu próprio fazer. É justamente esta a intenção desta pesquisa, entender como as duas entidades elaboram suas narrativas noticiosas, baseadas em modelos interpretativos (Alsina, 2009) que são moldados pela atuação religiosa e humanitária.

Motta (2013, p. 96) explica que a lógica da narrativa jornalística demanda reconfigurar os relatos como unidades temáticas, já que não é fácil analisar o texto “seco” do jornalismo informativo, com suas notícias “duras e cruas”. De acordo com o autor, o texto da notícia “mantém uma proximidade definitiva com o referente empírico. A intenção é produzir o efeito de realidade, a veracidade” (Motta, 2013, p. 96). A tessitura do que o autor denomina de acontecimento-intriga revela uma ordem narrativa lógica, composta por personagens e suas caracterizações (heróis, agentes, testemunhas e/ou vítimas) e os respectivos conflitos estruturantes. Para o pesquisador, mais do que reorganizar cronologicamente eventos dispersos e recompor em histórias serializadas, o jornalismo oferece compreensões da complexidade do real, por meio de uma narrativa singular.

A recomposição das notícias em uma nova síntese ou *acontecimento-dramático* (ou ainda *acontecimento-intriga*) gera um produto cultural novo e diferente, remete agora a uma antropologia da notícia que se dedica à compreensão da realidade imediata no transcurso cultural de uma sociedade. Ao realizar essa recomposição do acontecimento-intriga, passamos a compreender a mimese jornalística não apenas como atividade de representação realista difusa do real fático, mas como atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese instituidora de sentidos culturais, formadora e constituidora do pensamento contemporâneo em todas as dimensões dessa afirmação (Motta, 2013, p. 99-100).

Motta (2013) salienta o vínculo de construção de significados estabelecido entre a entidade produtora do texto e o leitor, visto que a compreensão e o significado do acontecimento se dá a partir da conjunção entre as informações provenientes da notícia e do contexto de quem a lê, com suas memórias, experiências e cultura. Esse vínculo fica perceptível nos espaços de produção noticiosa das duas entidades, pois os textos são dirigidos ao público segmentado cristão e as narrativas insinuam esse direcionamento, por meio das histórias que contam. Além disso, produtores, leitores e personagens professam a mesma fé, ainda que em circunstâncias diferentes, já que os personagens das narrativas geralmente passam por situações de conflito e violência, como é demonstrado na análise. Dessa forma, o vínculo identitário se fortalece por meio da crença e das experiências resultantes dela. Muitos dos textos noticiosos, inclusive, incentivam os leitores a participarem, seja por meio de contribuições ou orações a favor dos personagens e respectivos acontecimentos noticiados.

No jornalismo não existe ordem clara nem fixa entre a informação nova que entra e as informações *internas* que o próprio sujeito ativa no ato. A construção de representações mentais é flexível, mas o objetivo é *ser o mais eficaz possível* na construção da coerência narrativa. [...] Uma estória sobre um incidente qualquer é compreendida por meio de um processo no qual o leitor constrói uma interpretação de maneira integrada com as intenções originais do narrador-jornalista ao narrar, e a sua própria experiência e memória. A coerência é obtida pela fusão de horizontes, sucessivas conexões significativas que o leitor faz procurando ligações entre os fatos relatados com os seus próprios *mundos possíveis* culturalmente referenciados, num processo de correferência (Motta, 2013, p. 100).

Para o autor, é dessa forma que o leitor vai fazendo inferências por meio de macroposições do relato e, simultaneamente, tecendo uma explicação sequencial do enredo da história. No contexto analisado nesta pesquisa, os seguidores da *Portas Abertas* e da *Fundação AIS* constroem significados mais amplos acerca da perseguição cristã e da (falta) de liberdade religiosa, por meio de relatos e experiências que geralmente não ganham repercussão nas mídias tradicionais de informação. Eles compreendem que não são casos isolados de perseguição religiosa a um ou outro indivíduo, mas um contexto amplo e recorrente, especialmente nos países categorizados nos relatórios.

Para entender a dinâmica de produção noticiosa da Fundação AIS e da Portas Abertas, foram entrevistados dois jornalistas das entidades, respectivamente Paulo Aido e Regina Andrade. As entrevistas foram feitas de forma remota<sup>24</sup>, já que os dois se encontram em diferentes países, com questionário semiestruturado (Apêndice I). Os dois foram indicados pelas próprias entidades, em contatos prévios. Paulo Aido é o jornalista responsável pela produção de informação da sucursal de Portugal da Fundação AIS e Regina Andrade é assessora de imprensa da entidade brasileira da Portas Abertas. Com as duas conversas, foi possível entender características da produção de notícias, com similaridades e peculiaridades em relação às rotinas jornalísticas tradicionais.

Um dos fatores comentados pelos dois representantes refere-se à preservação de identidade, tanto de fontes da informação quanto das vítimas. Os jornalistas mencionam o perigo, inclusive de morte, em algumas circunstâncias, o que leva a omitir, seja textual ou imageticamente, os envolvidos nos acontecimentos noticiados. Mesmo assim, ambos garantem que as notícias são verificadas *in loco*, para determinar a veracidade do que é divulgado. Esse contexto demonstra dois fatores: por um lado, a importância do trabalho jornalístico desempenhado por tais entidades, pois se tratam de espaços de divulgação de fatos que ferem a Declaração Universal dos Direitos Humanos e fogem às estimativas oficiais; por outro, pode explicar a relutância ou ignorância dos veículos jornalísticos em divulgar tais assuntos, já que se trata de um universo subterrâneo de produção e transmissão de informação. Além disso, a grande mídia evidencia acontecimentos coletivos ou de repercussão mais ampla, como o ataque às comunidades da Nigéria, o sequestro das freiras no Haiti ou a situação de enfrentamento do governo da Nicarágua aos líderes católicos. Os espaços noticiosos das organizações aqui mencionadas, além destes acontecimentos polêmicos, também focam em indivíduos, com suas experiências particulares e traumáticas no dia a dia. Pode-se dizer que essa inversão de enfoque é uma das características principais do material informativo elaborado pelas duas entidades.

---

<sup>24</sup>As entrevistas foram feitas em 2 de fevereiro de 2024, via webconferência pela plataforma Zoom, pela manhã com Paulo Aido (que reside em Lisboa, Portugal) e à tarde com Regina Andrade (que reside em São Paulo, Brasil). Os arquivos digitais das entrevistas estão em posse da autora.

Esses indivíduos tornam-se personagens centrais das narrativas e são um dos três narradores (ou vozes) da comunicação jornalística, conforme detalha Motta (2013). “No decorrer do processo de enunciação de cada assunto reportado, esses três narradores levam a cabo uma *negociação* simbólica e política com os outros narradores pelo poder de voz” (Motta, 2013, p. 109). O primeiro é o veículo, no caso as entidades, com suas formas de pensar a fé e doutrinas institucionais; o segundo é o narrador-jornalista, aquele que tece o texto noticioso, a partir da voz do terceiro narrador, que pode ser um depoente ou vítima (ou seja, o personagem), ou um mediador da informação (os agentes de campo, tais como missionários, padres, freiras, líderes e demais envolvidos no trabalho, em prol das entidades).

### **2.1 Do fato à notícia: uma rede de testemunhas, agentes e mediadores**

As duas entidades analisadas têm diferentes enfoques e dinâmicas de trabalho, o que interfere na produção da informação. A Fundação AIS, por exemplo, tematiza a intolerância religiosa, prioritariamente no segmento católico. Já a Portas Abertas é uma organização interdenominacional, ou seja, não tem um vínculo específico com um segmento ou denominação religiosa, e a temática principal gira em torno da igreja perseguida. Ambas atuam em nível internacional, no segmento de ajuda humanitária e religiosa, amparadas por contribuições voluntárias, embora a Fundação AIS também conte com o selo da Igreja Católica. O jornalista da Fundação AIS, Paulo Aido, e a assessora de Comunicação da Portas Abertas, Regina Andrade, forneceram detalhes da dinâmica de produção (muitas vezes subterrânea) da informação, já que se tratam de fatos em alguns casos controversos ou perigosos, com envolvidos que podem até correr risco de vida.

A Fundação AIS é o secretariado português da organização internacional Aid to the Church in Need (ACN), uma fundação pontifícia. Sua origem deve-se ao apelo feito pelo monge holandês premonstratense, Werenfried Van Straaten (1913-2003), em 1947, ao escrever um artigo no qual apelava por ajuda aos 6 milhões de católicos alemães desalojados pela Segunda Guerra Mundial. Seu apelo era para que os povos destruídos

pelo conflito se reconciliassem<sup>25</sup>. Na década de 1950, o foco do religioso concentrou-se em ajudar os representantes da igreja que serviam nos países comunistas. Os projetos sob liderança dele estenderam-se da Rússia e do leste europeu para África, Ásia e América Latina durante a década de 1960.

A sede da entidade está em Königstein, na Alemanha. Conforme informações constantes no *site* da entidade, há 23 escritórios nacionais, prestando auxílio a cerca de 145 países, distribuídos em aproximadamente 5 mil projetos, como construção de igrejas, distribuição de literatura religiosa e auxílio aos agentes católicos. Em Portugal, a Fundação AIS começou em 1995, com a abertura de um secretariado em Lisboa e, mais tarde, uma casa em Fátima e Évora<sup>26</sup>. A gestão da entidade é constituída por uma assembleia de curadores, um conselho de administração e um conselho fiscal. O trabalho da equipe de profissionais e voluntários fundamenta-se nos três pilares estabelecidos pela fundação religiosa: informação, oração e partilha.

O jornalista responsável pela produção de informações da Fundação AIS em Portugal, Paulo Aido, descreve este setor da entidade como uma “grande empresa de comunicação”, responsável por recolher notícias de campo e cobrir os projetos desenvolvidos nos escritórios nacionais.

É como se tivéssemos correspondentes em centenas de países. Correspondentes que estão numa condição de privilégio, estão em contato direto com as pessoas, vivem com elas, fazem parte das próprias comunidades, entendem claramente as dificuldades, as necessidades, os problemas que passam (Aido, 2024).

Para o jornalista, a possibilidade de transformar os contatos de campo – sacerdotes, irmãs, catequistas – em fontes de informação facilita a veiculação do fato em primeira mão. “Algumas vezes, a Fundação AIS tem sido o elemento promotor de notícias que depois são divulgadas para fora” (Aido, 2024). Ele explica que tais relatos chegam até o escritório em Portugal das formas mais tradicionais, como cartas, até as mais atuais, como e-mails e áudios por aplicativos de celular. “Não há preocupação de enviar uma notícia, há preocupação de enviar uma mensagem, um alerta, e chamar a

---

<sup>25</sup> Informações contidas no histórico da entidade, disponível em [História e Cronologia - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](https://fundacao-ais.pt). Acesso em 23 fev. 24.

<sup>26</sup> Cf. [ACN Portugal - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](https://fundacao-ais.pt). Acesso em 23 fev. 24.

atenção” (Aido, 2024). Também salienta que a proximidade e a rapidez entre os fatos e os agentes potencializam a importância do trabalho noticioso da entidade. “Nós podemos publicar e alertar o mundo para essa realidade. [...] É uma das formas eficazes do nosso trabalho” (Aido, 2024).

O jornalista explica que a prioridade da produção noticiosa é o segmento cristão católico, embora haja situações que não envolvem apenas este grupo e são reportadas nos espaços midiáticos da fundação.

Há comunidades que são mais perseguidas do que outras. [...] Quando acontecem grandes violências, ataques de grande dimensão, esses ataques podem se concentrar em uma comunidade religiosa. Em outras ocasiões, o foco não é uma comunidade específica, mas uma pluralidade de pequenas comunidades (Aido, 2024).

Algumas das narrativas noticiosas da Fundação AIS são multimídia, como será apontado no próximo capítulo. Há áudios ou vídeos com entrevistas ou até mesmo promocionais dos projetos que têm conexão com o entrevistado. Entretanto, a predominância é de matérias com textos e fotos que, segundo o jornalista, fazem parte do banco próprio de imagens da entidade. Sobre a produção imagética, ele explica que há rigorosidade em não expor a violência e suas vítimas, assim como as fontes de informação. No material noticioso analisado, fica perceptível que apenas os agentes da igreja são efetivamente identificados. O jornalista justifica que a proteção de identidade é necessária por questões de segurança dos envolvidos. “Não devemos, não podemos e não queremos. Eles estão nas comunidades e nos auxiliam dando a informação. Então omitimos esse contato. [...] O risco é imenso em alguns lugares” (Aido, 2024).

Aido (2024) confirma o que já foi apontado anteriormente nesta pesquisa: as notícias de campos cobertas pela fundação, no que se refere a perseguições, ganham espaço nos veículos jornalísticos especializados em assuntos religiosos, mas pouca visibilidade na mídia tradicional. Para ele, a primeira justificativa refere-se aos critérios editoriais e seletivos de informação:

... é difícil fazer prevalecer a importância do que para nós é muito relevante em termos noticiosos. [...] Eu penso que tem muito a ver com o critério adotado pelos responsáveis de edição dos vários meios de comunicação (Aido, 2024).

Além disso, aponta que há uma desvalorização social daquilo que envolve a igreja. Ele explica que o assunto ganha destaque jornalístico quando o enfoque é na ajuda humanitária e o jornalista, mais sensível ao assunto, busca aprofundar-se.

Por vezes, sentimos que o fato de nós abordarmos também no plano humanitário incidentes graves, situações de grande violência, isso faz com que nossas notícias tenham uma aderência maior que as notícias do cotidiano da igreja. Há aqui um nicho, digamos assim, que nos é favorável enquanto fundação (Aido, 2024).

O relatório sobre perseguição cristã elaborado pela entidade gera interesse da imprensa, segundo Aido (2024). Para garantir a visibilidade dos demais assuntos, ele explica que a fundação tem parcerias com veículos de comunicação em diferentes mídias. Entre eles, menciona a TV Canção Nova, a Agência Ecclesia e emissoras de TV de Portugal.

Nós produzimos todas as semanas um programa de rádio e um programa de televisão de 50 minutos. [...] O que nós fazemos é transformar em programa de informação as notícias que damos (Aido, 2024).

Ele quer dizer que o conteúdo informativo elaborado pela equipe da entidade circula em diferentes mídias e redes sociais. O jornalista garante que o programa de rádio é transmitido para mais de 40 emissoras em Portugal, além de países de língua portuguesa, tal como Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

A Portas Abertas é uma organização cristã internacional fundada em 1955, por um jovem missionário holandês, Anne van der Bijl, conhecido como Irmão André (1928-2022). De acordo com as informações do *site* da entidade<sup>27</sup>, o trabalho dele começou com a distribuição clandestina de Bíblias nos países componentes da Cortina de Ferro. Essa história foi tema do livro autobiográfico conhecido como *O Contrabandista de Deus* (2008). Atualmente, a Portas Abertas atua em mais de 65 países, prestando auxílio a vítimas e agentes de campo religiosos, que porventura sofram algum tipo de violência por professarem a fé cristã. A prioridade é este

---

<sup>27</sup> Cf. [Quem é o Irmão André - Portas Abertas](#). Acesso em 22 fev. 24.

segmento, embora em alguns casos a ajuda se estenda sem esse critério seletivo, como explica a assessora de comunicação:

Ou como Portas Abertas, ou através de parceiros locais, porque muitas vezes a Portas Abertas não pode entrar. Mas, por exemplo, a Cruz Vermelha entra, e nós entramos com a Cruz Vermelha. [...] Nós estamos na mesma área de atuação de ajuda humanitária. Eles estão na área de saúde, nós estamos na religiosa. E, assim, muitas vezes chegam vacinas que eles não têm, através da Portas Abertas (Andrade, 2024).

Em 2022, a entidade contava com mais de 1.400 colaboradores distribuídos globalmente, com duas sedes centrais, uma na Holanda e outra nos Estados Unidos, além de 40 escritórios internacionais. O escritório do Brasil foi instituído em São Paulo, em maio de 1978, como afiliado da Open Doors International. A iniciativa foi de Elmira Pasquini, impactada pela leitura do livro do Irmão André. No *site*, consta que atualmente cerca de 40 colaboradores e 600 voluntários oficiais fazem parte da entidade brasileira, cujo apoio é planejado em quatro frentes: distribuição de Bíblias e literatura cristã, treinamentos, ajuda socioeconômica e ações institucionais (consultoria jurídica, pesquisa e presença).

A Portas Abertas atua com dois tipos de escritórios: bases de campo (elaboram e executam os projetos) e bases de desenvolvimento, como a do Brasil (responsáveis por engajar parceiros, em intercessão e doação, e levantar recursos para a execução dos projetos no campo). O trabalho de Comunicação está presente de diferentes formas, desde o relacionamento com a imprensa e a sociedade, até a produção de notícias em diferentes produtos midiáticos e a gestão de redes sociais. No segmento informativo, a organização produz material diário para o site e as redes sociais, além de documentários, revista impressa enviada aos colaboradores, programas de rádio e produtos especiais, tais como os relacionados à LMP.

Andrade (2024) explica que, em cada região de atuação da Portas Abertas, há uma equipe de Comunicação, localizada em países considerados mais seguros (conforme mapeado pela LMP). Quando necessário, se desloca até os locais onde há acontecimentos a reportar.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

Por exemplo, Coreia do Norte: a gente não tem uma equipe lá dentro. A gente tem uma equipe em outro país próximo e que de quando em vez eles vão até a Coreia do Norte, até mesmo para que chegue até eles a nossa contribuição, treinamento de líderes, Bíblias (Andrade, 2024).

De acordo com a assessora, são cerca de 45 jornalistas, que produzem material para diferentes mídias e redes sociais, seja em situações de cobertura especial ou cotidiana, quando recebem informações dos campos e as transformam em notícias.

Por exemplo, no golpe de Mianmar, eles viajaram e foram fazer *in loco*. E lançaram uma campanha grande de lá. Agora, essas notícias mais pontuais de coisas que estão acontecendo, pastores, líderes religiosos sendo presos, aí são igrejas de lá, pastores e líderes de lá que mandam isso para a equipe (Andrade, 2024).

Quando as notícias fazem parte do planejamento de pauta das equipes de Comunicação, geralmente se baseiam nos países ranqueados na LMP, cujo “pacote de conteúdo” é pensado para as diferentes plataformas da organização (fotos, entrevistas, vídeos para *stories* do Instagram etc.). A produção divide-se conforme o departamento de conteúdo, a equipe de gestão de redes sociais e a assessoria de imprensa, cada qual com suas funções específicas.

Andrade (2024) comenta que a prática de contato direto com a vítima para produção da notícia não existe mais, pela segurança de todos os envolvidos. Isso significa dizer que as equipes de desenvolvimento não têm acesso ao cristão perseguido, por questões de segurança.

Um pastor de Mianmar mandava [uma carta] para o Brasil. Isso ficou perigosíssimo [...] chegava seis meses depois. A gente nem sabia se o pastor ainda estava vivo. Existia pouca imagem, porque ele não tirava foto para mandar. Então, a formação de equipes para essas bases de campo foi crucial, pela segurança (Andrade, 2024).

Dessa forma, a mediação entre o fato ocorrido e a produção da notícia é feita pelos agentes das bases de campo. “De repente, um líder chega a fala assim: ‘uma criança foi expulsa daqui da escola, aconteceu isso e isso’. Esse jornalista faz a entrevista e escreve a matéria” (Andrade, 2024). Ao “fazer a entrevista”, a assessora

refere-se à conferência da veracidade da história e se reflete, efetivamente, intolerância ou perseguição religiosa. O fato pode chegar até a organização diretamente por vítimas, testemunhas, parceiros e colaboradores, mas a checagem e a elaboração da narrativa fica a encargo da equipe do Portas Abertas. “Uma jornalista da África [...] falava que muitas vezes ela recebia a notícia a lápis em papel de pão, num Inglês indecifrável. Ela tinha que decifrar aquilo para criar uma notícia” (Andrade, 2024).

Sobre a dinâmica de produção noticiosa, Andrade (2024) esclarece algumas particularidades diferenciadas do trabalho, que são possíveis de constatar na análise do próximo capítulo. Assim como na Fundação AIS, há cuidado em não divulgar a identidade de vítimas, tanto em textos, vídeos ou fotografias. Em vídeos, por exemplo, depoentes não podem falar diretamente, pois o jeito típico de uma região ou sotaque podem denotar de onde a pessoa é e lhe causar ameaças futuras. As fotografias, segundo a assessora de comunicação, são reais e elaboradas pela própria equipe da Portas Abertas, mas são na maioria das vezes apenas representativas, não descritivas, ou seja, toda possível marca de representação de lugar, pessoa ou grupo é retirada. Também destaca que o cuidado é que sejam sempre do país mencionado na reportagem e que pertençam ao banco interno (binter) de textos e fotos da organização. Além disso, quando se trata de um assunto que resgata personagens que sobreviveram a algum tipo de violência, ela explica que o escritório internacional responsável verifica se a matéria não acarretará problemas para os sobreviventes.

Andrade (2024) explica que há diálogo entre a Portas Abertas e a chamada grande mídia, mas concorda que há pouco espaço de cobertura. Ela chama a atenção para a mudança de enfoque do material que é encaminhado à imprensa tradicional: das vítimas para a contextualização da crise que atinge o perseguido. Embora aqui não estejamos pesquisando diretamente o relacionamento das duas entidades com os veículos de comunicação (configurado como assessoria de imprensa e não jornalismo, propriamente dito), o assunto perpassa o questionamento da esparsa cobertura midiática à perseguição religiosa.

Eu faço um material diferenciado para eles [veículos tradicionais de comunicação fora do segmento religioso], porque eu não vou falar que o Iêmen tem milhares de cristãos perseguidos [...] Eu tenho que falar

Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

que o Iêmen está no meio de uma guerra que está envolvendo o Oriente Médio todo, e que no meio desta guerra existe o cristão perseguido (Andrade, 2024).

Andrade (2024) destaca que a imprensa de menor porte, sobretudo a digital, é a que mais visibilidade dá para o assunto, com divulgação do material e parcerias para produção de conteúdo em emissoras de rádio e portais de notícias, por exemplo. Essa informação constata o argumento de Thornton (1996) sobre os circuitos micromídia, alimentados pelos grupos afetos à temática.

O trabalho desenvolvido pela Fundação AIS e pela Portas Abertas indica características da especialização jornalística do segmento religioso, demonstrando a relevância desse espaço noticioso na divulgação de circunstâncias que ferem os direitos fundamentais à liberdade de crença. Nas explicações dos entrevistados, é possível inferir que há diferenças na produção jornalística delas, conforme a proposta de atuação e inserção religiosa, já que uma é interdenominacional e a outra católica. Isso se constata na apresentação das fontes e personagens, embora ambas salientem a necessidade de preservar a identidade de depoentes. No próximo capítulo, é apresentada a análise das notícias veiculadas pelas organizações no mês de janeiro de 2024.

### **CAPÍTULO III – AS NOTÍCIAS SOBRE OS PERSEGUIDOS PELA FÉ**

A perseguição religiosa é uma expressão de múltiplos sentidos, nem sempre fáceis de categorizar. Mesmo assim, no atual contexto de crises humanitárias, guerras civis, violências entre grupos étnicos e extremistas, conflitos políticos e intensa mobilidade global, refletir sobre os sentidos jornalísticos que se tecem sobre ser perseguido pela fé é uma forma de propor a necessidade de conectar o assunto em um panorama amplo de debate acerca dos direitos humanos. Afinal, se o jornalismo é um dos principais espaços de produção de sentido acerca da realidade, como Motta (2013, 2005) concebe, é por meio de suas narrativas que se sensibiliza e se escancara as problemáticas sociais, sejam elas próximas ou distantes do nosso entorno.

A proposta desta análise parte dos pressupostos construídos por Motta (2005, p. 4) sobre uma perspectiva fenomenológica que “procura interpretar dinâmica e sistematicamente a essência do fenômeno observado, compreender as diversas camadas significativas do objeto empírico como objeto intencional de nossa percepção”. Para este intuito, o pesquisador sugere seis instâncias de análise: 1) recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico (a identificação da serialidade temática e do encadeamento narrativo cronológico para compreender o tema como síntese); 2) identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios (a “situação-problema” que dá origem à notícia, em jargão jornalístico, o gancho); 3) a construção de personagens jornalísticas (discursivas) e suas respectivas posições na história (protagonistas, antagonistas, heróis, anti-heróis etc.); 4) estratégias comunicativas (recursos linguísticos e extralinguísticos utilizados para produzir efeitos desejados

(efeito poético, efeito dramático, efeito sensacionalista etc.); 5) estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real (recursos e estratégias para que o receptor compreenda e aceite o narrado como real) e 6) metanarrativas: significados de fundo moral ou fábula da história (plano da estrutura profunda da narrativa).

Embora Motta (2005) esclareça que todos estes elementos estão conectados, nesta pesquisa escolhemos analisar duas das instâncias, por considerarmos as mais diretamente relacionadas aos objetivos iniciais. Entendemos que o primeiro elemento – a serialidade temática – do conjunto de notícias analisado é o mesmo, pois refere-se à perseguição cristã e à liberdade religiosa. Isso porque este foi o primeiro critério de seleção das notícias a serem analisadas. No recorte temporal de janeiro de 2024, justificado por ser o mês de lançamento dos documentos centrais das duas entidades já mencionados (a Lista Mundial da Perseguição 2024 e Liberdade Religiosa no Mundo – Relatório 2023), foram mapeadas as notícias que diretamente se relacionassem ao assunto no *site* das duas entidades, pois é onde se concentra a produção informativa. Na Fundação AIS, foram separados os textos da seção Atualidade, na aba Notícias, e na Portas Abertas, a seção Conteúdo, da aba Notícias. Dessa forma, outro critério de seleção é esclarecido: apenas textos noticiosos informativos, excluindo-se possíveis artigos, editoriais, fragmentos dos relatórios, mensagens de dirigentes e quaisquer outros textos semelhantes.

De forma semelhante, a sexta instância – plano da estrutura profunda da narrativa – obedece aos mesmos intuítos, estabelecidos principalmente pela primeira voz narrativa apresentada anteriormente: as entidades. Os textos objetivam mostrar personagens e experiências em circunstâncias desfavoráveis de fé, nas quais o direito à liberdade de crença é violado. Também sugere ao seu público se informar e, em alguns casos, se mobilizar em causas concretas a favor da fé (como é demonstrado na análise).

Mas, esse significado simbólico está presente de forma mais ou menos intensa nos dramas e tragédias continuamente relatados pelo jornalismo. Aqui e ali, em momentos fugazes, com o auxílio da memória e dos cânones culturais, os receptores recompõem as narrativas e são dominados por estados de ânimo de maior ou menor comoção frente aos dramas e tragédias diárias reportadas pelas notícias. Essa comoção pode variar da indiferença ou perplexidade inicial até a ansiedade intensa, angústia ou compaixão profunda, dependendo das circunstâncias (Motta, 2005, p. 14).

Dessa forma, foram definidas para a análise as instâncias 2 e 3, respectivamente, de identificação da “situação-problema” do texto e da construção de personagens na história. Ao analisar o conflito central em torno do qual gravita a construção noticiosa, é possível identificar como se apresenta o contexto da temática e seus desdobramentos.

O conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística, que lida com rupturas, descontinuidades e anormalidades (o discordante no dizer de P. Ricoeur). O conflito é o núcleo em torno do qual gravita tudo o mais na narrativa. São os conflitos que abrem o espaço para as novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva. (Motta, 2005, p. 5)

Como sugere o autor, é possível identificar conflitos centrais e secundários, desdobrados em aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais. A identificação de personagens (a segunda instância escolhida para análise) refere-se aos atores que desempenham papéis centrais ou secundários na progressão do acontecimento. “No jornalismo as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformar-se no eixo das histórias” (Motta, 2005, p. 7). Por se tratar de uma temática de conotações negativas, tais como traumas, sofrimentos, perseguições, conflitos e violência, as vítimas tornam-se personagens que delegam às notícias forte carga emocional. São essas duas, desdobradas em categorias analíticas explicitadas a seguir, que fornecem um panorama sobre a construção noticiosa acerca da perseguição religiosa e da liberdade cristã.

As categorias de pesquisa foram elaboradas com base nas duas instâncias da proposta de Motta (2005) para análise da narrativa jornalística, pois uma mesma instância desdobrou-se em mais de um tópico de análise. A análise de conteúdo adapta o protocolo proposto por Bardin (2011), que é dividido em cinco etapas: organização, codificação, categorização, inferência e tratamento. Para esta pesquisa, após a leitura flutuante, a metodologia será adaptada para pré-análise, exploração do material e interpretação.

Sendo assim, foram analisados os seguintes aspectos do texto: a) gênero jornalístico (informativo, dissertativo ou opinativo); b) conflito: o acontecimento-intriga (envolve o contexto mais amplo do assunto e o respectivo espaço geográfico); c)

personagem (vítima, agente, sobrevivente etc.); d) fontes (agente, depoente, vítima, familiar, veículos de comunicação); e) conexões externas (referências a entidades, documentos ou literatura externos, tais como a Bíblia, relatórios da ONU e elementos do gênero); f) tom da narrativa (o texto pode assumir um tom positivo, de esperança, pessimista, apelativo, sensacionalista etc.); g) apelo ao envolvimento (se a notícia solicita algum tipo de participação do seu público).

Ressalta-se que a diferença entre personagem e fonte – quando se referirem a um mesmo entrevistado – está na forma de o texto conduzi-lo dentro da narrativa. Quando o enfoque se der no indivíduo e na sua experiência, é considerado personagem central da narrativa. Já quando a pessoa (seja vítima, depoente ou agente) é apenas uma (ou mais uma) fonte de informação e o enfoque se der no acontecimento e não no indivíduo que o vivencia, é considerado na categoria fonte. Informações retiradas de veículos de comunicação – sejam do segmento cristão ou de informação geral – são consideradas na na categoria fonte, pois o objetivo delas no texto é justamente este. As conexões externas referem-se a documentos ou entidades externos à própria organização e que são mencionados, geralmente com o objetivo de reiterar ou complementar uma informação. O tom da narrativa inspira-se no que Motta (2005) explica como plano da estrutura profunda da narrativa. Embora, como já argumentado acima, as duas entidades objetivem denunciar os casos de perseguição e intolerância à liberdade religiosa, cada texto tem diferentes direcionamentos a esse respeito. O objetivo desta categoria é chegar ao que podemos chamar de segunda camada desta estrutura, que adquire diferentes tons, conforme o conflito (acontecimento-intriga) do texto.

Os textos selecionados enquadram-se no gênero informativo, pois centram-se em fatos atuais, cujo principal objetivo é informar e contextualizar o leitor. As narrativas não se propõem a interpretar os ocorridos, portanto, não se caracterizam como dissertativos, nem opinam acerca do que reportam, então não se configuram no gênero opinativo (Sodré e Ferrari, 1986; Coimbra, 1985). Como são notícias postadas em espaços virtuais, seguem o usual de textos sucintos com uma imagem ilustrativa, não necessariamente representando o personagem ou entrevistado (por questões de segurança identitária, como explicitado pelos entrevistados do segundo capítulo). Pode-se afirmar que os textos configuram-se como denunciastas, em sua grande maioria,

já que propagam situações de perseguição e violência à fé cristã. A multimídia é uma característica presente nas duas entidades, pois a produção informativa engloba site, redes sociais (Facebook, Instagram, X, Youtube), programas em emissoras de rádio e televisão, bem como na produção impressa.

### 3.1 As notícias da Fundação AIS (Portugal)

Durante o mês de janeiro de 2024, a Fundação AIS publicou 22 textos, dos quais dois foram eliminados da análise. Um por se tratar da divulgação do evento sobre a edição atualizada do Relatório Liberdade Religiosa no Mundo e outro por ser um texto institucional com a palavra da presidente internacional da AIS, Regina Lynch. Sendo assim, compõem esta análise 20 textos, veiculados no *site* oficial da sede portuguesa da entidade.

Com exceção de dois textos, os demais do período selecionado iniciam com destaque para o país do conflito (acontecimento-intriga). As notícias que fogem a essa característica se referem a um levantamento do número de missionários e agentes pastorais mortos em 2023<sup>28</sup> e um discurso do Papa sobre 360 milhões de cristãos perseguidos no mundo<sup>29</sup>. As demais matérias mencionam diversificados países, diretamente relacionados a eventos onde a liberdade religiosa foi comprometida. São diretamente citados nos títulos: Ucrânia, Palestina, Israel, Líbano, Síria, República Democrática do Congo, Iraque, Estados Unidos, Haiti, Camarões, Turquia, Mianmar, Moçambique, Paquistão, Nicarágua e Nigéria. Os quatro últimos países foram destaque mais de uma vez.

As notícias veiculadas pela Fundação AIS procuram tecer um contexto do panorama social e/ou político do país (ou países, já que alguns textos mencionam mais de um). São enumerados diversos fatores que atingem os cristãos dos lugares onde geralmente se configuram como minoria.

---

<sup>28</sup> [Vinte missionários e agentes pastorais mortos ao longo do ano de 2023 - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](https://fundacao-ais.pt). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>29</sup> [VATICANO: Papa denuncia que 360 milhões de cristãos sofrem “perseguição e discriminação” por causa da sua fé - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](https://fundacao-ais.pt). Acesso em 13 fev. 24.

Segundo o Pe. Remigius Ihiyula, um parceiro local de projectos da Fundação AIS e que dirige a Fundação para a Justiça, Desenvolvimento e a Paz, da Diocese de Makurdi, esses ataques atribuídos aos pastores nómadas fulani representam uma séria ameaça para as comunidades cristãs, que vivem nesta região conhecida também pelas suas terras férteis e por isso altamente cobiçadas. [...] Estão armados com armas pesadas, destroem aldeias inteiras em ataques de surpresa e perturbam as actividades económicas e sociais sem uma reacção clara do governo nigeriano.<sup>30</sup>

Mas os preços são incontroláveis para a maior parte da população. ‘O Inverno até tem sido menos rigoroso do que noutros anos, mas as pessoas têm menos electricidade e têm menos ‘mazout’ [...] diz ainda a irmã Maria Lúcia Ferreira à Fundação AIS. As palavras da religiosa portuguesa coincidem com o alerta do Arcebispo de Homs que, em declarações reproduzidas na semana passada pelo Vatican News, afirma algo de muito semelhante após a interrupção, decidida a partir de 1 de janeiro, da ajuda do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas. A suspensão desta assistência alimentar, por ‘ausência de fundos’, coloca em situação de risco cerca de 12 milhões de sírios. E D. Jacques Mourad diz que, com esta decisão – ‘terrível e injusta’ – ‘o povo sírio está condenado a morrer sem poder dizer nada’.<sup>31</sup>

D. Bruno Ateba, cuja diocese está situada no extremo norte dos Camarões, diz que é necessário que a Europa faça alguma coisa no sentido de ajudar a travar a crise migratória oriunda de África. É preciso ajudar todos os que tentam escapar à miséria e arriscam tudo em viagens que, tantas vezes, acabam dramaticamente.<sup>32</sup>

O resultado oficial foi conhecido apenas no final do ano: Tshisekedi sucedeu a si próprio, apesar de a contagem dos votos estar ainda a ser muito contestada. Para o comum dos cidadãos, no entanto, explica o sacerdote português, a vida continua muito difícil. A população sofre com os conflitos armados, especialmente na zona oriental do país, com milícias cada vez mais violentas, sofre com as dificuldades económicas que tornam a vida por vezes quase insuportável, e sofre, até, relata o sacerdote, com o estado das estradas...<sup>33</sup>

Além dos exemplos acima mencionados, as notícias abordam o contexto de violência, seja ela pontual ou corriqueira, a pobreza, a corrupção dos governos, a insegurança dos grupos minoritários, a animosidade crescente contra a igreja cristã e o consequente perigos aos representantes dela, o antissemitismo, os ataques terroristas ou

---

<sup>30</sup> [NIGÉRIA: Um mês após o massacre de cerca de 200 cristãos no Natal, Plateau é palco de novos ataques com dezenas de vítimas - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>31</sup> [SÍRIA: “Estão a deixar o povo morrer à fome”, denuncia religiosa portuguesa que vive num mosteiro na vila de Qara - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>32</sup> [CAMARÕES: Bispos expressam preocupação pelo aumento da pobreza e pela violência provocada pelo Boko Haram - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>33</sup> [RD CONGO: “O povo continua a sofrer”, diz padre comboniano sobre o Natal deste ano marcado pelas eleições - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

de grupos extremistas. Como exemplo, seguem dois trechos referentes à situação em Mianmar e ao Haiti, respectivamente:

O conflito, que opõe as forças governamentais a uma série de grupos armados de resistência e milícias étnicas, agravou-se significativamente no último ano, com os combates a afectarem quase todo o país. [...] Os testemunhos que chegam à Fundação AIS descrevem como o país está aparentemente a tornar-se um Estado falhado e como a guerra está a afectar toda a comunidade, deixando um rasto de destruição, mortes e um elevado número de pessoas deslocadas, muitas delas idosas, deficientes ou mães com filhos.<sup>34</sup>

A violência é de tal ordem que, segundo responsáveis das Nações Unidas, como Ulrika Richardson, Representante Especial Adjunta para o Gabinete Integrado da ONU no Haiti, ‘quase 60% da capital do Haiti é dominada por gangues’. A violência resultou em ‘quase 20 mil pessoas na capital confrontadas com condições de fome catastróficas’, agravadas por um surto com ‘mais de 14.000 casos suspeitos de cólera em oito das 10 regiões do país’. Na altura da publicação do Relatório da Fundação AIS, quase 155 mil pessoas tinham fugido de suas casas, especialmente na capital.<sup>35</sup>

Dentre os assuntos acima mencionados, duas temáticas perpassam vários dos textos: as diásporas contemporâneas e a defesa de um diálogo inter-religioso. As notícias apontam o deslocamento (por iniciativa própria ou forçado) de cristãos de seus locais de origem, por medo, pela falta de condições de sobrevivência, pela violência. São movimentações que podem ser tanto para regiões dentro do país de origem, ou em contextos mais distantes, migrando para outros locais e culturas.

No meio de tudo isto, com ameaças de ataques de retaliação, os cristãos temem o alastramento do conflito e que o Líbano volte a mergulhar no caos e na destruição. Sinal disso, muitas famílias começaram já a abandonar a região. De acordo com os dados recolhidos pela Fundação AIS no Líbano, cerca de 90% da população de várias aldeias têm procurado segurança noutras regiões do país. Apesar de os cristãos não estarem envolvidos no conflito, já houve consequências directas dos bombardeamentos entre as duas partes, ou seja, entre Israel e os elementos da milícia Hezbollah.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> [MIANMAR: No terceiro aniversário do golpe de Estado, a Fundação AIS apela ao mundo para que não esqueça o país - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>35</sup> [HAITI: Papa apela à libertação das seis religiosas raptadas na passada sexta-feira e pede fim da violência no país - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>36</sup> [LÍBANO: Cristãos temem conflito aberto entre Israel e Hezbollah e fogem para zonas mais seguras - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

Perseguição religiosa, secundarização social, perda de empregos, confisco das propriedades, insegurança, ameaça de grupos terroristas como o Daesh, os jihadistas do Estado Islâmico... tudo isto levou mais de 1 milhão de cristãos a abandonar o Iraque ao longo das duas últimas décadas. Os números foram avançados pelo Cardeal D. Louis Sako que, diz ainda, ‘só nas últimas semanas, cem famílias deixaram Qaraqosh e emigraram’.<sup>37</sup>

Os Camarões, um país de África ocidental com fronteiras com a Nigéria, República Centro-Africana, Congo, Gabão e Guiné-Equatorial, vive tempos de insegurança não só por causa do terrorismo do Boko Haram mas também em consequência da violência separatista que começou há cerca de sete anos e que terá causado já mais de 6 mil mortos e provocado o deslocamento a cerca de 700 mil pessoas. [...] O Bispo de Maroua-Mokolo, diocese que acolheu a assembleia anual dos bispos dos Camarões, esteve de passagem recentemente pela sede internacional da AIS na Alemanha e falou da sua preocupação pelo terrorismo, mas também pelo drama da migração que está a levar os jovens africanos a arriscar por vezes a própria vida em viagens para a Europa em busca de uma vida melhor.<sup>38</sup>

Domingo, dia 21 de Janeiro, a vila de Mucojo, a segunda mais importante no distrito de Macomia, foi ocupada por grupos de terroristas, provocando uma debandada das populações, nomeadamente para a sede distrital. Pelo menos até à passada terça-feira, dia 23, os terroristas mantiveram-se nesta vila, num gesto de uma certa ousadia até pela proximidade na região de forças militares moçambicanas e dos países da África Austral que estão a apoiar os esforços das autoridades de Maputo face à insurgência jihadista na província de Cabo Delgado. [...] A questão da insurgência terrorista, que começou em 5 de Outubro de 2017 e já terá causado cerca de 5 mil mortos e mais de um milhão de deslocados [...].<sup>39</sup>

Como as notícias da Fundação AIS baseiam-se sobretudo em relatos dos representantes oficiais da igreja (padres, irmãs, bispos, agentes da entidade em diferentes países etc.), é perceptível que as ideias defendidas pela denominação católica perpassem as narrativas. Sendo assim, a defesa do diálogo inter-religioso é um dos argumentos para a conquista de uma convivência pacífica nos países mencionados.

O texto do sacerdote espanhol prossegue com um olhar crítico sobre a atitude das próprias lideranças religiosas. ‘Precisamos deixar de olhar a nossa religião como uma competidora diante das outras, focando os

---

<sup>37</sup> [IRAQUE: Mais de 1 milhão de cristãos deixou o país ao longo dos últimos vinte anos, alerta Patriarca Louis Sako - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>38</sup> [CAMARÕES: Bispos expressam preocupação pelo aumento da pobreza e pela violência provocada pelo Boko Haram - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>39</sup> [MOÇAMBIQUE: Santa Sé nomeia novo Núncio para o país numa altura em que os terroristas voltam a atacar em Cabo Delgado - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

nossos esforços em ganhar trunfos territoriais ou políticos, descuidando a verdadeira missão que temos de cuidar as almas’, diz.<sup>40</sup>

No encontro com o Corpo Diplomático creditado na Santa Sé, o Papa Francisco denunciou o aumento da perseguição e discriminação aos cristãos, que se tem acentuado ‘sobretudo nos últimos dez anos’. E defendeu, uma vez mais, a importância do diálogo inter-religioso ‘e o respeito pelas minorias’.<sup>41</sup>

Ainda recentemente, no início de Janeiro, a Fundação AIS dava conta da aposta da Diocese de Pemba no diálogo inter-religioso para a erradicação do terrorismo no território. [...] O padre Roca é também um dos responsáveis pelo diálogo inter-religioso da diocese moçambicana.<sup>42</sup>

Como afirmado acima, a igreja católica, em seus diversificados representantes, assume a centralidade da narrativa. Os discursos do Papa Francisco são frequentemente mencionados, assim como um direcionamento praticamente exclusivo ao segmento católico. Outras denominações cristãs, sejam seus agentes ou acontecimentos que ocorram envolvendo-as, não aparecem nas narrativas. Registra-se apenas duas menções. A primeira notícia referente ao apelo do Papa pela libertação das seis irmãs da Congregação das Religiosas de Santa Ana, raptadas em Port-au-Prince, a capital do Haiti, cita o ocorrido com o Pastor Stanis Stifinson e família, que foram alvejados no carro em que viajavam, em 2021<sup>43</sup>. Mesmo assim, não há alusão específica a qual denominação cristã ele pertenceria. A segunda utiliza a expressão “outros cristãos”, bem como o relatório da Portas Abertas, na notícia sobre o diagnóstico acerca da liberdade religiosa americana, elaborado pela Conferência dos Bispos Católicos dos EUA<sup>44</sup>.

Ainda que as notícias se centralizem nos representantes da igreja, eles são tratados como fontes, não como personagens, ou seja, contribuem com as informações de campo e as argumentações para a apresentação dos contextos sociais e políticos acima mencionados, mas não se tornam um elemento central pela sua experiência ou

---

<sup>40</sup> [MOÇAMBIQUE: “A paz em Cabo Delgado é a maior preocupação”, diz padre responsável pelos encontros inter-religiosos - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>41</sup> [VATICANO: Papa denuncia que 360 milhões de cristãos sofrem “perseguição e discriminação” por causa da sua fé - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>42</sup> [MOÇAMBIQUE: Santa Sé nomeia novo Núncio para o país numa altura em que os terroristas voltam a atacar em Cabo Delgado - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>43</sup> [HAITI: Papa apela à libertação das seis religiosas raptadas na passada sexta-feira e pede fim da violência no país - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>44</sup> [ESTADOS UNIDOS: Bispos católicos alertam para “actos de intimidação contra católicos e outros cristãos” no país - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

história de vida individual. Os textos buscam mostrar a ativa participação deles em campo, dando espaço para suas opiniões sobre o espaço em que atuam, conferindo-lhes o papel de principais fontes da informação. É o caso da notícia sobre a situação da Síria, em que a irmã Maria Lúcia Ferreira, da Congregação das Monjas de Unidade de Antioquia, é entrevistada em texto e vídeo.

Vendo os preços altíssimos, nomeadamente da comida, de tudo, mesmo o [preço do] pão teve de subir, não admira nada que haja pessoas que só comem uma vez por dia. As pessoas guardam o que têm só para comer, nem roupa podem comprar... Sim, pode-se dizer que estão a deixar o povo morrer à fome... É verdade.<sup>45</sup>

Em alguns casos, o informante também é ou se torna o porta-voz de algum projeto específico para o país ou da própria entidade, que aproveita o espaço para demonstrar as ações apoiadas.

É o caso, por exemplo, da Paróquia de São Youssef, no bairro de Tabbaleh, em Damasco, a capital do país. Foi aí que nasceu o projecto refeições solidárias, uma iniciativa local que tem o apoio da Fundação AIS. Entre os mais pobres foram detectadas cerca de 300 pessoas.<sup>46</sup>

Por tudo isto, é absolutamente relevante a ajuda que instituições como a Fundação AIS dão à Igreja nigeriana. Até porque os padres e as religiosas são, muitas vezes, as únicas pessoas que, no terreno, conseguem apoiar as populações vítimas dos ataques terroristas, populações que precisam de auxílio até ao nível psicológico.<sup>47</sup>

Como se pode perceber no trecho acima, as notícias também buscam enfatizar a importância do trabalho dos agentes da igreja nos locais onde há perseguição religiosa. Além disso, algumas notícias salientam como o contexto de violência torna-se perigoso para eles e, mesmo assim, não deixam de atuar em favor dos desfavorecidos, abnegando-se da própria segurança e do bem-estar em favor do trabalho religioso,

---

<sup>45</sup> [SÍRIA: “Estão a deixar o povo morrer à fome”, denuncia religiosa portuguesa que vive num mosteiro na vila de Qara - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>46</sup> [SÍRIA: “Estão a deixar o povo morrer à fome”, denuncia religiosa portuguesa que vive num mosteiro na vila de Qara - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>47</sup> [NIGÉRIA: “Em muitos casos, os membros da Igreja são o primeiro alvo” dos terroristas, diz responsável de projectos da AIS - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

insinuando o tom de martírio pela fé. Alguns, inclusive, podem se tornar alvos prioritários de ataques, como destaca o trecho a seguir:

No final do ano passado, a Fundação AIS fez um levantamento sobre os casos conhecidos e constatou que, até ao dia 13 de Novembro, ascendia já a 23 o número total de padres, religiosas e seminaristas raptados ao longo de 2023, o que permitia concluir que esta é, de facto, uma das maiores ameaças à segurança do clero e dos religiosos neste país africano. Dos 23 raptados, um acabaria por ser brutalmente assassinado e os outros 22 libertados.<sup>48</sup>

Esta descrição ajuda a compreender um dos elementos que a Agência Fides valoriza na lista dos missionários e agentes da pastoral mortos no ano passado: o facto de serem pessoas comuns que levavam uma vida normal. No entanto, ‘tornaram-se, sem culpa própria, vítimas de sequestros, de acções terroristas, tiroteios ou actos de violência de vários tipos’.<sup>49</sup>

Se, por um lado, as notícias dão espaço aos representantes oficiais, por outro, as vítimas dos países raramente são nominadas ou aparecem com voz própria nas narrativas. Em alguns casos, menciona-se um ou outro nome, mas não há trechos com as experiências individuais.

A ênfase no trabalho dos agentes da igreja direciona o tom de parte das notícias do recorte selecionado para análise: de alerta para a comunidade que acompanha a fundação sobre o contexto de iminente ameaça à igreja nos países em destaque. Os interlocutores dos textos também apelam à paz e ao diálogo, apontando o contexto dos lugares mencionados com acontecimentos, sejam corriqueiros ou inusitados. Alguns desses fatos são os que ganham destaque na mídia informativa diária, como o ataque na Nigéria, as irmãs sequestradas no Haiti e a crise política com a respectiva perseguição religiosa na Nicarágua. Em alguns casos, quando a situação é parte de um acompanhamento mais longo por parte da entidade ou de um contexto prolongado de crise, o tom da notícia é de que “o aviso já tinha sido dado”. Quando possível, ao demonstrar as ações e os projetos apoiados pela Fundação AIS, o tom é de prestação de contas e agradecimento aos apoiadores, incentivando à solidariedade.

---

<sup>48</sup> [NIGÉRIA: “Em muitos casos, os membros da Igreja são o primeiro alvo” dos terroristas, diz responsável de projectos da AIS - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

<sup>49</sup> [Vinte missionários e agentes pastorais mortos ao longo do ano de 2023 - Fundação AIS \(fundacao-ais.pt\)](#). Acesso em 13 fev. 24.

Reitera-se que as notícias procuram contextualizar as situações, no âmbito social e político, com informações que vão além do fato em si, como já mencionado. Para isso, utiliza-se dos representantes institucionais católicos e da própria fundação, além de algumas menções a fontes externas, como veículos de notícias religiosos, tais como *Agência Fides* (mencionada no trecho acima), *Vatican News* e *Alfa & Ômega*<sup>50</sup>. Contudo, é necessário destacar que algumas informações ou estimativas são veiculadas sem fonte comprobatória, uma das premissas fundamentais do trabalho jornalístico. Por fim, registra-se que todos os textos são assinados, com imagens ilustrativas creditadas à Fundação AIS.

### **3.2 As notícias da Portas Abertas (Brasil)**

Em janeiro de 2024, a Portas Abertas publicou 33 notícias em seu *site*, uma média de um texto por dia. Como foi o mês de lançamento da versão atualizada da Lista Mundial de Perseguição, em alguns dias, este foi o assunto abordado. Como a proposta era analisar as notícias sobre perseguição religiosa, quatro textos referentes ao lançamento do relatório foram desconsiderados. Sendo assim, um conjunto de 29 textos foi analisado.

A primeira constatação refere-se à menção do espaço geográfico das notícias. Todas destacam, em maior ou menor grau, o país onde o fato ocorre e, quando necessário, a posição que este ocupa na LPM. A maior parte das notícias refere-se a situações vividas em países da Ásia e África, respectivamente, onde estão os piores índices de intolerância religiosa. Do total, seis abordam a Coreia do Norte e quatro a Nigéria, países que ocupam as primeiras posições no relatório da entidade, na configuração de perseguição extrema. Entretanto, há menções a estados da América – Cuba, Nicarágua, Colômbia, Honduras, México e Venezuela – que estão no ranking atual<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> Também são citados como fontes externas: relatório “Nicarágua, uma igreja perseguida?”, da advogada e investigadora Martha Patricia Molina; “Relatório da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos”; Código Penal do Paquistão; representante especial adjunto para o Gabinete Integrado da ONU no Haiti, Ulrika Richardson; reportagem veiculada no canal de TV portuguesa SIC; Lista Mundial da Perseguição, da Portas Abertas.

<sup>51</sup> [Nicarágua e Cuba se destacam na perseguição a cristãos na América Latina - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

Cuba mereceu uma notícia à parte, ao contar a história de uma jovem cristã voluntária da Portas Abertas, presa e interrogada, sob acusação de apoiar terroristas. O texto detalha as circunstâncias da prisão e o motivo, registrado em fotos: ela estava acompanhada de um pastor, que havia ido a Cuba em 2022 para visitar e encorajar companheiros de fé. Ambos foram ameaçados de crime de lesa-pátria, mas liberados por falta de provas<sup>52</sup>. Observe-se que esta notícia foi veiculada no início de 2024 sobre fato ocorrido em 2022. Há outros textos que têm a mesma característica e se justificam, de acordo com Andrade (2024), por diferentes motivos: a notícia só foi liberada naquele momento, por se tratar de assunto confidencial até então ou pela segurança dos envolvidos, ou por ser um tema que vinha sendo acompanhado há mais tempo pela entidade e algo novo ocorreu.

Os conflitos que dão origem às notícias – os acontecimentos-intrigas – podem ser agrupados em torno dos seguintes temas: ações do Estado, conflitos entre cristãos e outros grupos, histórias de vida, eventos (celebrações e protestos pacíficos), contextos de violência e perseguição. A maior parte das notícias refere-se diretamente a situações perpetradas pelo Estado e seus agentes policiais. São prisões no meio da madrugada, interrogatórios, assédios, histórias de brutalidade e reflexos de golpes militares para a comunidade cristã.

Por exemplo, há notícias sobre os deslocados internos em função do golpe militar em Mianmar<sup>53</sup> e por conta da violência extrema na Nigéria<sup>54</sup>. Um político cristão teve a casa atingido por um coquetel molotov na Malásia<sup>55</sup>. Casas foram apedrejadas e igrejas em construção foram interrompidas no Laos<sup>56</sup>. Cristãos foram presos no Irã, em Sri Lanka e Omã<sup>57</sup>. No Sudão, uma igreja presbiteriana centenária foi incendiada<sup>58</sup>. Nas situações noticiadas, há a tentativa de contextualizar o fato em relação ao país onde

---

<sup>52</sup> [Jovem cristã é interrogada em Cuba - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>53</sup> [Cristãos recebem ajuda emergencial em Mianmar - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>54</sup> [Onda de violência gera novos deslocados internos na Nigéria - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>55</sup> [Coquetel molotov atinge casa de político cristão na Malásia - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>56</sup> [Cristã desaparece e casas são incendiadas no Laos - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>57</sup> Cf. [Filhos de pastor são presos no Sri Lanka - Portas Abertas](#), [Cristãos são presos em batidas policiais no Irã - Portas Abertas](#), [Líderes cristãos são descobertos por autoridades em Omã - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>58</sup> [Igreja é incendiada duas vezes no Sudão - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

ocorreu, exemplificando como é a perseguição nele e, em alguns casos, posicionando-o em relação à LMP. Em alguns casos, é a própria força policial que age, com prisões sem justa causa. Em outros, aponta-se a inoperância do Estado em favor de seus cidadãos.

As notícias enquadradas como conflitos entre cristãos e outros grupos demonstram como, muitas vezes, tais pessoas são vítimas de diferentes violências e assédios, por se caracterizar como minoria cristã. Como exemplo, em 2 de janeiro de 2024, a entidade reportou a situação de como o enterro de uma senhora convertida ao cristianismo gerou conflito com a comunidade local muçulmana, na Ásia Central (não há menção específica do país)<sup>59</sup>. Em outra situação, a conversão de uma família ao cristianismo, em Bangladesh, gerou isolamento (tanto familiar quanto comunitário). Em tais situações, a perseguição pode se dar em forma de assédios e privações por parte da comunidade local e até do próprio Estado, como problematizado no relatório da Fundação AIS. O contexto de violência e assassinatos entre cristãos e extremistas fulanis, na Nigéria, é outro exemplo de notícia que se enquadra nesta categoria<sup>60</sup>.

As narrativas definidas como histórias de vida englobam aqueles textos que trazem personagens, ou seja, aquelas pessoas que podem ser vítimas, depoentes e sobreviventes de algum fato traumático. Nem sempre narradas diretamente pelo personagem, por conta das problemáticas apontadas por Andrade (2024) no segundo capítulo desta pesquisa, as histórias podem ser vividas diretamente pela vítima ou então relatadas como memórias de família. É o caso da narrativa de uma senhora norte-coreana que atualmente vive na Coreia do Sul. No texto, conta-se a história do pai e do avô, levados pela polícia na Coreia do Norte, quando ela ainda era criança<sup>61</sup>. De forma semelhante, a história de outra norte-coreana narra o sequestro do pai pela polícia do país e uma menina que vê a família destruída<sup>62</sup>. Quando as narrativas não trazem personagens que ganham voz no texto, mencionam fiéis, testemunhas próximas, agentes, colaboradores e/ou pastores, como forma de exemplificar ou reforçar os fatos. Os parceiros tornam-se fontes próximas e confiáveis para os comunicadores que estão nas bases de campo, salienta Andrade (2024). As vítimas geralmente são representadas

---

<sup>59</sup><https://portasabertas.org.br/noticias/cristaos-perseguidos/enterro-de-crista-gera-conflito-na-asi-a-central>. Acesso em 9 fev. 24.

<sup>60</sup> [Crise causa toque de recolher em estado na Nigéria - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>61</sup> [Uma família afetada pela fé - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>62</sup> [Seguindo o mestre do meu pai - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

sob o tom da resistência e da perseverança, mesmo em meio ao sofrimento. Os testemunhos servem para contextualizar o que é ser cristão no país onde estão. Em grande parte dos textos, tais pessoas são passivas, ou seja, não reagem às injustiças e violências. No recorte de análise, a única exceção é a notícia sobre o toque de recolher emitido pelo governador do estado de Plateau, na Nigéria, após os conflitos de dezembro de 2023. O texto indica que os cristãos revidaram com incêndios às investidas dos fulanis:

Ontem (22), um homem cristão foi morto na comunidade de Gangaran Kwata, em Mangu. Suspeita-se que os responsáveis pelo ataque sejam extremistas fulani. Muitos jovens cristãos que vivem em Mangu, frustrados com a insegurança que estão enfrentando no dia a dia e movidos pela ira, incendiaram a casa de famílias muçulmanas fulani. Radicais fulani, então, incendiaram casas de cristãos em Gangaran Kwata para revidar a vingança. A igreja de Cristo nas Nações (COCIN, da sigla em inglês) também foi incendiada em Sabon Kasuwa, perto da região de Mangu. Diante dos novos ataques, jovens cristãos se agitaram na cidade de Mangu.<sup>63</sup>

Além das conotações acima mencionadas, que têm uma relação direta com a própria representação do cristão como resiliente, há outras constatações possíveis na categoria “tom da narrativa”. Muitos dos textos, por se enquadrarem no gênero informativo, trazem informações contextuais acerca da perseguição religiosa no país que é abordado, assumindo também um tom de alerta, quando enquadra-se na lista dos mais severos da LMP.

É o caso da notícia sobre o aumento da violência em países da Ásia Central, com enfrentamentos diretos entre cristãos e muçulmanos, desencorajando muitos fiéis a professarem a fé por medo.

A postura quanto aos cristãos se deteriorou muito depois do conflito. Elisha e a família ainda recebem ameaças e maldições por mensagens no telefone com profunda aversão à fé cristã e à pregação do evangelho<sup>64</sup>.

A comunhão e o discipulado foram ambos afetados negativamente, sobretudo pela ausência dos líderes cristãos que foram deportados de Omã. Alguns membros querem continuar a igreja, mas outros querem

---

<sup>63</sup> [Crise causa toque de recolher em estado na Nigéria - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>64</sup> [Enterro de cristã gera conflito na Ásia Central - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

## Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

dar uma pausa e se esconder por algum tempo. Já outros estão evitando qualquer contato com os cristãos.<sup>65</sup>

Há diversos textos que abordam como funciona, na prática, a perseguição àqueles que são contrários aos interesses do Estado, no que se refere à fé. É o exemplo da notícia sobre os campos de concentração da Coreia do Norte e do ranking dos 13 países com perseguição extrema aos cristãos, respectivamente:

De acordo com uma fonte anônima, a Coreia do Norte opera nove campos grandes de ‘reeducação’. ‘As notícias sobre a expansão dos campos de trabalho forçado não deveriam nos surpreender’, disse irmão Simon (pseudônimo), coordenador do trabalho da Portas Abertas com cristãos norte-coreanos. [...] O *Daily NK* estima que há aproximadamente 200 mil pessoas nos campos de trabalho forçado, o que corresponde à estimativa de pesquisadores da Portas Abertas. No entanto, esse número representa apenas aqueles que estão nos campos. Outras dezenas de milhares de pessoas [estão] em instituições penitenciárias (celas regulares de prisão).<sup>66</sup>

Os encontros para ‘tomar chá’ são uma forma discreta que as autoridades chinesas usam para interrogar cristãos ou outros suspeitos de atividades ilegais. Durante o Ano Novo Lunar de 2022, um período de grandes festas na China, quando as pessoas voltam para a terra natal e visitam os familiares e amigos, Jia foi surpreendida no vilarejo dos pais.<sup>67</sup>

Alireza e Amir foram presos sob acusação de ‘ensino depravado e propaganda contrária à santa lei islâmica ao compartilhar falsas afirmações sobre assuntos religiosos’. Eles não são um número isolado no 9º país da Lista Mundial da Perseguição 2024. [...] Diversos cristãos iranianos são detidos pelo crime de anunciarem o evangelho ou se reunirem em igrejas secretas, pois o governo entende isso como um crime e uma ameaça à República Islâmica.<sup>68</sup>

Embora grande parte dos textos abordem situações de conflito e violência sistemáticas, algumas notícias se revestem de um tom positivo, demonstrando eventos denominacionais, entendidos como celebrações de resistência ou sobrevivência. É o caso da narrativa que mostra a festa organizada pela 8ª igreja CEPAC, em Kasindi, leste da República Democrática do Congo<sup>69</sup>. Um ano antes da comemoração, o local foi

---

<sup>65</sup> [Líderes cristãos são descobertos por autoridades em Omã - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>66</sup> [Kim Jong-un reabre campo de prisão norte-coreano - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>67</sup> [Evangelistas precisam de apoio na China - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>68</sup> [Dois cristãos saem da prisão no Irã - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

<sup>69</sup> [Igreja celebra batismo um ano após ataque na África - Portas Abertas](#). Acesso em 9 fev. 24.

bombardeado pelo grupo extremista Forças Democráticas Aliadas (ADF, da sigla em inglês), durante um evento eclesialístico. Morreram 15 pessoas, 71 ficaram feridas.

Outra notícia aborda um protesto pacífico pedindo o fim da violência na Nigéria. Alguns textos mostram as ações da Portas Abertas no auxílio às comunidades atingidas pelos conflitos e até mesmo um “testemunho de milagre” ocorrido na China. Estas narrativas também sinalizam a comunhão e a alegria pela sobrevivência, além de uma forma de superar os traumas. Em praticamente todas as matérias analisadas, há um apelo por participação do seguidor da entidade, seja por meio de doação ou oração.

Além dos personagens e das testemunhas apresentados acima, há menção aos agentes, porta-vozes e parceiros da Portas Abertas em algumas delas, além de agências e veículos de comunicação internacionais<sup>70</sup>, representantes de governo (estes mencionados em reportagens externas, cujos fragmentos são replicados pela entidade). Quando há dados, geralmente se amparam nos elaborados pela LMP, embora sejam mencionados o Observatório de Direitos Humanos em Cuba (OCDH), a Associação Cristã da Nigéria (CAN, em inglês), a Organização Article 18 e a Eglise du Christ au Congo. Mesmo assim, salienta-se que alguns textos analisados não apresentam fontes diretas.

A análise da Fundação AIS e da Portas Abertas demonstra que há produção noticiosa nas duas entidades, com características específicas, demonstrando o que Badaracco (2005) afirma: a cultura religiosa midiática é uma confluência de multimídias, atitudes sociais, climas políticos e opinião pública. Salienta-se que é jornalismo – e não assessoria de imprensa – porque o foco, nestes espaços, é a veiculação de informação baseada em fatos e suas respectivas fontes, e não a visibilidade ou manutenção das ações das entidades, a gestão de suas “marcas”. Estas ações existem, mas há outras estratégias e outras equipes responsáveis. Como salienta Badaracco (2005), no jornalismo, as reportagens são histórias contadas, incorporando as linguagens dos outros como “objetos” textuais dentro dos quadros narrativos que constroem. “As notícias e as citações sobre as quais são construídas são narrativas testemunhais de fatos reais. O princípio da narrativa objetivamente se esforça para construir uma realidade imbuída nas próprias palavras, que exista à parte do significado

---

<sup>70</sup> Os mencionados são: *Punch Media*, *The Star*, *China Press* e *Daily NK Reports*.

atribuído às palavras pelos leitores, criado por necessidade psicológica ou necessidade ideológica”<sup>71</sup> (Badaracco, 2005, p. 10-11).

Não era a intenção desta pesquisa tecer uma análise comparativa entre as duas entidades, argumento que justifica a separação em tópicos independentes. Embora as duas sejam configuradas no segmento religioso, as abordagens e as filiações são distintas, portanto, não seria útil estabelecer comparações na produção noticiosa. A Fundação AIS privilegia a voz oficial, com entrevistas dos agentes a serviço da Igreja Católica e segmentos correlatos. Tal característica demonstra a postura editorial de entidade que, mesmo no espaço noticioso, ainda prioriza o papel da igreja enquanto instituição. Já a Portas Abertas, por ser interdenominacional, destaca geralmente as vítimas, ainda que com identidades preservadas. Pode-se dizer que a “igreja subterrânea”, termo comum no segmento evangélico para descrever as comunidades cristãs anônimas que persistem em espaço de intensa perseguição e até proibição, ganham voz nesse tipo de produção informativa.

---

<sup>71</sup> No original: “News stories and the quotations on which they are built are witness narratives of real events. The principle of narrative objectively strives to construct a reality imbued in the words themselves, that exists apart from the meaning ascribed to the words by readers, created out of psychological need or ideological necessity”.

## CONCLUSÃO

A liberdade de expressão à crença está diretamente relacionada ao respeito à individualidade humana e ao convívio pacífico em comunidade. Quando este direito fundamental é negado ou ameaçado por práticas de intolerância e perseguição religiosas, o jornalismo é uma forma de reverberar para sensibilizar sobre o assunto. Quando há lacunas, silêncios e até mesmo depreciações noticiosas por parte da imprensa, o jornalismo nega o seu lugar e o seu valor na sociedade.

Como afirma Maffesoli (2003), a informação forma e liga, a fim de estabelecer comunhão e partilha entre indivíduos e grupos sociais. Mais do que isso, como afirma Miranda (2002, p. 68), a “identificação dos casos relativos à intolerância religiosa representa uma dimensão importante para pensar os processos de reconhecimento de direitos, tendo em vista que a liberdade religiosa e a laicidade constituíram-se como paradigmas fundantes do Estado moderno”.

Badaracco (2005) chama a atenção para a importância da educação para a compreensão, não apenas para a tolerância às diferenças religiosas. Tal postura enfatiza a relevância da crença como um fenômeno global, que se relaciona diretamente às heranças étnicas, às narrativas de fundação, aos deveres civis e morais do viver em sociedade. Nesse processo, o jornalismo vincula-se diretamente à função educacional. “Isso exigiria que uma pessoa educada tivesse uma compreensão profunda da luta e da legitimidade de todos os grupos religiosos para reivindicar um lugar na identidade

nacional que seja indivisível de sua crença religiosa e filosófica”<sup>72</sup> (Badaracco, 2005, p. 4, tradução livre).

É nessa perspectiva que se sustenta a pesquisa aqui desenvolvida. Analisar a dinâmica de produção informativa da Fundação AIS e da Portas Abertas é compreendê-la como parte de uma rede de produtores e disseminadores de informação noticiosa que se torna a principal mediadora entre os conflitos, os envolvidos e o restante da sociedade, muitas vezes distante e desinformada a respeito do assunto. Dessa forma, a produção jornalística assume o tom de especialização (Fernandes, 2017), enquadrando-se no segmento do jornalismo religioso, que está onde o jornalismo “tradicional” não quer ou não alcança. Em muitos casos, trata-se de uma rede de informação tão subterrânea quanto a fé dos personagens precisa ser, mas que chega à superfície por meio dos relatos midiáticos elaborados pelas entidades, com diversos fins. Aliás, este é um ponto que merece mais aprofundamento em futuras pesquisas: como as notícias sobre perseguição, intolerância e violência à fé são recebidas pelos seguidores, de que forma o imaginário do assunto se conecta às experiências pessoais de diferentes grupos cristãos.

O deslocamento forçado ou intencional, por razões relacionadas a conflitos que também se relacionam à perseguição pela crença, é um tema que perpassa as notícias das duas entidades. Embora não haja dados específicos sobre migrações por motivos exclusivamente religiosos, o drama dos refugiados ou *desplazados* é alarmante. Conforme relatório anual do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), *Global Trends Forced displacement in 2022*<sup>73</sup>, o número de pessoas fugindo de guerras, violência, perseguições e violações de direitos humanos subiu para 108.4 milhões, um aumento de 19,1 milhões em relação ao ano anterior, o maior aumento já registrado. Do total, 76% são alocados em países de renda média e baixa. É a humanidade em transição, como retratou Sebastião Salgado, em *Êxodos* (2000).

Além dos assédios e das violências, o desenraizamento (individual ou coletivo) desses indivíduos complexifica relações identitárias e narrativas memoráveis (Hall,

---

<sup>72</sup> No original: “This would require that an educated person have a deep understanding of the struggle and legitimacy of all religious groups to claim a place in the national identity that is indivisible from their religious and philosophical belief”.

<sup>73</sup> Documento com dados atualizados até dezembro de 2022. Cf. [Global Trends Report 2022 | UNHCR](#). Acesso em 15 fev. 24.

2003), fomentando experiências nostálgicas (Boym, 2001), tanto de quem transita quanto de quem vê seu espaço (social, cultural, político, econômico) “invadido” pelos *outsiders*, sejam eles migrantes, refugiados, expatriados (Bauman, 2016; Appadurai, 2009). Crises e catástrofes podem desconfigurar ou ressignificar o próprio entendimento desses indivíduos sobre si, sobre ser e estar no mundo, evidenciando rupturas entre a vida anterior às perseguições e os acontecimentos posteriores, como a fuga (intencional ou forçada), os processos de territorialização e desterritorialização, a vida no novo espaço, as narrativas memoráveis sobre lar e identidade. Portanto, as relações temporais tecidas nessas experiências são tingidas por um tom memorialístico e, não raras vezes, nostálgico. Tragédias pessoais ou grupais podem tornar-se a razão de muitas narrativas, tais quais as midiáticas, que se transformam na memória do sofrimento compartilhado (Candau, 2012) e intencionalmente dividido. Dessa forma, podemos entender que as produções como as mencionadas nesta pesquisa auxiliam a construir memória e identidade (Candau, 2012) de uma parcela social – daqueles que diretamente sofrem violências e perseguições e que muitas vezes fazem parte dos movimentos de migração (voluntária ou forçada).

E é no espaço digital, tal qual a Fundação AIS e a Portas Abertas disponibilizam, que as narrativas desses personagens se tece, se torna conhecida. Como afirma Martin-Barbero (2018, p.29-30), as “experiências e narrativas do imigrante estão cada vez mais interligadas com as dos internautas. [...] através da circulação de histórias e imagens, nas quais eles contam e são contados para continuar contando entre os seus e para ser levados em conta por aqueles que, acima deles, tomam decisões que os afetam”.

É justamente por isso que falamos em ressignificações, pois as narrativas tecidas nesses espaços noticiosos transformam-se em uma forma de luta por direitos. As temáticas abordadas pelas duas entidades nas notícias, como demonstrado na análise, referem-se a temas delicados da agenda social, mas ao mesmo tempo dizem respeito ao coletivo compartilhado em identidade, memórias e subjetividades. Nem sempre a pretensa objetividade do jornalismo tradicional se aplica nessas situações. São personagens, no papel de agentes humanitários, religiosos ou vítimas, que intencionalmente partilham sofrimento e cura por meio dos relatos que, posteriormente,

se tornam textos midiáticos. As experiências deles fazem parte da crença que professam e, geralmente, os instigam a narrativizá-las como forma de viver a fé em processo, algo que nem sempre é fácil de entender por parte daqueles que não comungam dos mesmos valores. Como aponta Badaracco (2005, p. 4), “... o papel civil do crente ou adepto é conservar memórias e histórias de seu passado coletivo compartilhado, unindo aqueles que estão nos dias atuais com públicos ancestrais, fantasmas espirituais ainda fortalecidos por sua lembrança nas mentes dos enlutados, aqueles que enfrentaram deslocamento, decepção e profunda mudança social e cultural”<sup>74</sup>. Essa necessidade de ancoragem de valores partilhados é um anseio, uma espécie de dever para com os antecessores, mesmo entre os que não têm consideração pela religião formalizada, salienta a autora. Justamente por isso temas como identidade, memória e alteridade perpassam tais narrativas noticiosas, que se tornam estratégias de resistência dos diversificados grupos sociais, étnicos e religiosos que ali são representados. Ressalta-se que o recorte desta pesquisa é o segmento cristão, contudo não há intenção de desmerecer minorias de outras crenças que passam por situações semelhantes de opressão.

O que fica perceptível na análise é a importância que o assunto da perseguição religiosa assume e, conseqüentemente, a posição das duas entidades na disseminação de informações que nem sempre chegam ao público pela grande imprensa, a não ser quando o acontecimento é de grandes proporções. Por isso, para aqueles que vivem ameaças à fé no dia a dia, seja como agentes religiosos ou pessoas comuns, tais espaços informativos se tornam uma forma de dar voz às suas experiências e suprir os silêncios do jornalismo tradicional.

---

<sup>74</sup> No original: “... the civil role of believer or adherents is to conserve memories and stories of their shared collective past, uniting those in of the present day with ancestral publics, spiritual ghosts still empowered by their recollection in the minds of the bereaved, those who have braved displacement, disappointment, and profound social and cultural change”.

## REFERÊNCIAS

ACN PORTUGAL. Fundação AIS (Ajuda à Igreja que Sofre). *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2023*. Portugal: Fundação Pontifícia, 2023.

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Global Trends Forced displacement in 2022*. Disponível em [Global Trends Report 2022 | UNHCR](#). Acesso em 15 fev. 24.

AGIER, Michel. Uma exceção redobrada. Espaços, tempo e atores do governo humanitário. *Desigualdade & Diversidade – Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*, nº 11, pp. 11-22, ago/dez 2012.

AIDO, Paulo. Entrevista por webconferência [fev.24]. Entrevistadora: Éverly Pegoraro. 1 arquivo mp4 (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em posse da autora.

ALSINA, Miguel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2009.

ANDRADE, Regina. Entrevista por webconferência [fev. 2024]. Entrevistadora: Éverly Pegoraro. 2 arquivos mp4 (60 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em posse da autora.

BADARACCO, Claire H. (Ed). *Quoting God*. How media shape ideas about religion and culture. Texas: Baylor University Press, 2005.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos a nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2016.

BOYM, Svetlana. *Future of nostalgia*. New York: Basic Books, 2001.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Editora Vega-Passagens, 1996.

COIMBRA, Oswaldo. *O texto na reportagem impressa*. São Paulo: Ática, 1985.

CUNHA, Magali do Nascimento. A Intolerância e violência religiosas nas mídias noticiosas: a propósito do Relatório Brasil (2011 – 2015). *Reflexão*, v. 45, e204843, pp.1-12, 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. Religião no noticiário: marcas de um imaginário exclusivista no jornalismo brasileiro. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós*, Brasília, v.19, n.1, pp.1-21, jan/abr. 2016.

CUNHA, Magaly; STORTO, Leticia. *Comunicação, linguagens e religiões: tendências e perspectivas na pesquisa*. Londrina: Syntagma Editores, 2020.

DE ANGELIS, Andrea. Ataques armados em 20 localidades da Nigéria, 160 pessoas mortas. *Vatican News*. 27 dez. 23. Disponível em [Ataques armados em 20 localidades da Nigéria, 160 pessoas mortas - Vatican News](#). Acesso em 31 jan. 24.

FERNANDES, Alessandra Lemos. *Jornalismo: especialização e segmentação*. Curitiba: Intersaberes, 2017.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUMAN RIGHTS WATCH. Nicarágua. Eventos de 2023. Disponível em [Relatório Mundial 2024: Nicarágua | Human Rights Watch \(hrw.org\)](#). Acesso em 2 fev. 24.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IRMÃO ANDRÉ, SHERRILL, John e Elizabeth. *O contrabandista de Deus*. 3ª ed. Belo Horizonte: Betânia, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 2ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção. Ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). *Famecos*, Porto Alegre, n. 20, pp. 13-20, abr. 2003.

MAIA, Marta R., PASSOS, Mateus Yuri. (orgs.). *Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. *Matrizes*. São Paulo, nº 1, v.12, pp. 9-31, jan./abr. 2018.

MIRANDA, Ana Paula Mendes de. A força de uma expressão: intolerância religiosa, conflitos e demandas por reconhecimento de direitos no Rio de Janeiro. *Comunicações do ISER*, v. 66, pp. 60-73, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Intercom, 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em [Declaração Universal dos Direitos Humanos - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](#). Acesso em 15 fev. 24.

OFFICE OF THE UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR HUMAN RIGHTS (OHCHR). Faith for Rights, 2020. Disponível em [faith4rights-toolkit.pdf \(ohchr.org\)](#). Acesso e 15 fev. 24.

PORTAS ABERTAS. *Lista Mundial da Perseguição 2024*. Além do ranking. Ebook. Disponível em [Lista Mundial da Perseguição 2024 - Portas Abertas](#) . Acesso em 31 jan. 24.

SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Suzi Alves da Silva; SILVA, Paulo Alves da Silva. Os direitos humanos e a perseguição cristã atual. *Cordis*. Dossiê: História e Direito – Representações e Perspectivas, São Paulo, nº 24, v.1, pp. 101-129, 2020.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem*. Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.

Ressignificações e resistências: a construção da informação sobre a perseguição  
religiosa contemporânea (relatório de pós-doutoramento)

---

SZYMANSKI, Marcela. Análise Global. In: ACN PORTUGAL. Fundação AIS (Ajuda à Igreja que Sofre). *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2023*. Portugal: Fundação Pontifícia, 2023, p. 10-14.

THORNTON, Sarah. *Club Cultures: music, media and subcultural capital*. Hannover: Wesleyan University Press, 1996.

### **DEMAIS ATIVIDADES ACADÊMICAS NO ÂMBITO DO PROGRAMA**

Ministração de aula inaugural para os alunos do Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação, com o tema “Os lugares a partir dos quais pensamos (e pesquisamos) a Comunicação”, no dia 19 de janeiro de 2024, de forma online, a partir das 18h.

## APÊNDICES

### **Apêndice 1: Questionário semiestruturado para entrevista em profundidade com representantes do Portas Abertas e da ACN**

Este questionário serviu de guia para a entrevista em profundidade com os representantes da Fundação AIS e da Portas Abertas, respectivamente Paulo Aido (que reside em Lisboa, Portugal) e Regina Andrade (que reside em São Paulo, Brasil). O intuito desta parte do trabalho foi conhecer a dinâmica de atuação, além das informações prestadas em seus espaços virtuais. Neste sentido, aqui são apresentadas as temáticas em formato de questões abertas, que se desdobraram em outras surgidas no decorrer das conversas. As entrevistas foram feitas de forma remota, pela plataforma Zoom, em 2 de fevereiro de 2024.

#### **1. Identificação:**

Nome

Função que exerce na entidade

Tempo em que está na função atual

**2. Delineamento da entidade:** neste tópico, o objetivo é que o entrevistado discorra a respeito do trabalho da entidade e seu histórico, apresentando a estrutura interna de organização das atividades, pessoal envolvido e os desafios enfrentados.

**3. Dinâmica de produção de notícias:** nesta questão, objetiva-se descobrir como são produzidas as informações acerca da temática perseguição aos cristãos, quem são os produtores dessas narrativas e em que condições elas são

elaboradas. Além disso, pretende-se identificar qual a importância que tais espaços midiáticos têm para a entidade.

- 4. Contato com os veículos de comunicação “tradicionais”:** averiguar se há canais estabelecidos com eles, bem como se há procura de jornalistas da mídia pela temática.